

MAFAVERNA

NDI



H. PUEYO
ISA PROSPERO
JOÃO MENDES
R.R. PORTELA
RENAN BERNARDO

CAPA: JANIO GARCIA

Edição em português

MAFAVERNA
•DEMOCRACIA•

Contos de:

H. Pueyo • Isa Prospero
João Mendes • R. R. Portela
Renan Bernardo



Editorial

“A leitura do mundo precede a leitura da palavra.”
Paulo Freire (A importância do ato de ler)

O ano é 2022. No Brasil, há esperança.

O convite para a organização de uma edição com o tema “visões positivas da democracia” apoiada e financiada pela NDI — National Democratic Institute, ONG estadunidense que, há trinta e cinco anos, trabalha para fortalecer e proteger instituições, processos, normas e valores democráticos pelo mundo — chegou por meio da Dra. Amy Johnson, escritora e pesquisadora do MIT.

Aceitar tal convite foi a faísca que faltava para que A Taverna e a Mafagafo finalmente unissem forças. Duas revistas que estavam prestes a entrar em hiato passaram a trabalhar juntas em um projeto que, pela primeira vez no Brasil, pôde remunerar autores e equipe com valores condizentes com o mercado anglófono de revistas profissionais. A união foi além das fronteiras brasileiras, e outros dois projetos notáveis de publicação de fantasia e ficção científica também foram convidados pela NDI a compartilhar com o mundo suas visões positivas da democracia — a Mithila Review, revista internacional baseada na Ásia, e a Omenana, que publica histórias de pessoas da África e da diáspora africana. Alguns dos contos das três edições sairão juntos, em inglês, em um e-book publicado pela ONG ainda em 2022.

Esta edição traz cinco contos diferentes em gênero, ambientação e ponto de vista — provando que há muitas formas positivas não apenas de se viver em democracia, como também de escrever sobre a realidade igualitária que buscamos. São histórias que falam sobre dar voz a todos os cidadãos ou sobre comunidades que encontraram maneiras de promover o acesso igualitário ao conhecimento. Tivemos o cuidado de selecionar contos que evidenciassem a importância da educação no processo

democrático, trazendo à vida a esperança de uma realidade melhor. Afinal, como nos ensinou Paulo Freire, o patrono da educação brasileira, “criar o que não existe ainda deve ser a pretensão de todo sujeito que está vivo”.

Falando em acesso, esta edição é bilíngue, em português e em inglês, para que mais pessoas possam almejar os presentes e futuros imaginados por nossos autores.

Pegue sua bebida, puxe uma cadeira e aproveite este compilado de curtos lembretes de que vale a pena lutar por um mundo democrático.

Diogo Ramos e Jana Bianchi

agosto de 2022



Sumário

Editorial

As memórias verídicas de um soldado karteniano em uma terra inimiga

O aprendiz de mil olhos

Dias de balbúrdia e rebelião em Vilerma

Nas montanhas, até Vila do Vento

Canção Operária

Mais sobre as pessoas envolvidas no projeto...

Créditos

As memórias verídicas de um soldado karteniano em uma terra inimiga

Isa Prospero

cerca de 5.900 palavras

Edição: João Pedro “JP” Lima
Preparação: Diogo Ramos e Jana Bianchi
Revisão: Ian M. M. Duarte

Ilustração: Dante Luiz

DEPOIS DA GUERRA, só se viam livros. De norte a sul, em vilas, cidades e na beira de estradas, tábuas eram removidas da frente de vitrines, bancas montadas nas ruas, volumes tirados de caixas — páginas encadernadas em couro ou pergaminhos desenrolados exibiam letras pequenas ou ilustrações coloridas. Yian nunca vira tantos livros. Nunca vira um sequer. Em Karten, aprendera a empunhar uma enxada aos cinco anos e uma espada antes dos dez. Ler era coisa de nobres ou juízes ou alquimistas, nada que tocasse a sua realidade.

Já na maldita república de Lacconia, os livros pareciam não acabar mais.

De todas as estranhezas daquela terra, foi a segunda coisa que achou mais desconcertante.

A primeira foram as luzes.

*

Nevava na noite em que finalmente chegou à capital. As botas roubadas chapinhavam na água enquanto ele atravessava um labirinto de ruas estreitas. Doía respirar. Tinha fraturado alguma coisa, e o corte na perna latejava sem parar. A pele estava quente e pegajosa dentro do casaco pesado; uma moleza tomara o corpo e entorpecia seus passos e pensamentos.

Ele deixava um rastro de gotas vermelhas na neve.

Depois de três semanas se esgueirando por campos e bosques, evitando se aproximar de pessoas, trocando o uniforme imundo por roupas de cadáveres inimigos e arranjando comida onde e quando possível, não podia parar agora. O porto ficava ali na capital, e só precisava alcançá-lo e se infiltrar em um navio rumo a Karten para voltar para casa.

Escorou-se numa parede, cada exalação criando uma nuvem diante do rosto. As ruas gélidas estavam vazias; os únicos sinais de vida eram as luzes atrás de dezenas de janelas fechadas.

Todas brilhavam vermelhas.

Não pode ser, dizia a si mesmo. Era impensável que os malditos queimassem *pedra-rubra* para iluminar as casas...

Virou a cabeça e quase riu. Tinha parado diante de outra vitrine de livros. Mas esses eram diferentes; ele conseguia perceber mesmo sem entender palavra alguma. Era por causa das cores. Vívidas, as ilustrações atraíram o olhar: um homem discutindo com uma fada, uma guerreira enfrentando um dragão, duas crianças perdidas na floresta. Histórias. Ele as conhecia. Lembrava vagamente de ouvi-las quando criança, ou ao menos versões delas. Esfregou o vidro coberto de gelo para enxergar melhor.

— Bonitos, não são?

A voz soou atrás dele, e o choque o impeliu para longe da parede. Não tinha ouvido a mulher se aproximar, mas escutou os passos até ela parar à sua frente.

Ele precisava se mexer. Fugir. Mas sua visão oscilava como um barco em alto-mar...

— São meus — continuou ela. — Estamos fechados, mas se quiser venha aman... Ah! — Ela estava encapuzada, usando cachecol e touca. Ergueu a mão enluvada, mas a abaixou quando Yian se encolheu mantendo os olhos no chão. — Garoto, você está bem? Esse sobretudo é fino demais.

Ele não disse nada, cravando as unhas nas palmas.

— Meu nome é Amelia. Qual o seu? — perguntou a mulher. Silêncio. — Você... não quer desembuchar, estou vendo, mas...

Sobretudo? Desembuchar?

A língua dela era muito parecida com a de Yian, a não ser por uma palavra e outra. Apesar disso, ele não podia responder: tinha certeza de que o sotaque o denunciaria. Balançou a cabeça, sem saber o que estava negando, e cambaleou.

— Ei, ei — sussurrou a mulher, como se falasse com um animal assustado, e o amparou, segurando-o pelos braços. Ela era velha — devia ter mais de quarenta anos —, mas seus olhos eram enérgicos. Mordeu o lábio e perguntou: — Está com fome?

Só lembrar de comida fez seu estômago se contrair. Alguns dias antes, teria recusado sem grandes problemas, mas naquele momento a fome era voraz, como ele não sentia desde que a última peste matara todo o gado do seu vilarejo.

— Entre um minuto — disse ela — e tome uma sopa para se esquentar. Antes que se desse conta, ele estava assentindo.

A primeira coisa que notou ao entrar na casa foi o calor, e se deixou ser puxado pelo interior revestido de estantes até os fundos. Parte da mente gritava que era uma armadilha, mas logo depois chegou numa cozinha e se sentou à mesa. Sentiu o aroma de comida — algo era esquentado no fogão, com temperos fragrantes que ele não sabia nomear — e não se moveu até que uma mão encostou de leve em sua testa e a tigela foi posta à sua frente.

Inalou a fumaça do caldo.

Só vou recuperar as forças, decidiu ele, e aí vou embora.

*

O resto veio em vislumbres.

Algo macio embaixo dele.

Uma porta se abrindo e duas vozes falando baixo. A da mulher, Amelia, e outra mais grave. Quando ele entreabriu os olhos por um momento, viu as duas paradas à porta, delineadas contra a luz vermelha do corredor.

— O que você fez, amor?

— Ele estava caído na neve... Está ardendo de febre.

Mãos tocaram a sua testa, seu pescoço, afastaram o casaco. Ele tentou atacar a desconhecida, mas ela se esquivou.

O rosto de Amelia surgiu em seguida.

— Essa é minha esposa, Dana. Ela é... *médica*, entende? Ela pode te ajudar. Precisamos abaixar sua febre.

Não. Elas iam jogá-lo num hospital e ele seria descoberto. Não podia ficar, mas o corpo estava pesado, pesado como ferro...

Algo úmido deixou rastros em seu rosto.

O mundo girou.

Escuridão.

— Amor, ele não é...

— Eu sei. Dana, por favor. É só um garoto.

E então mãos apalparam seu torso e sua perna; ele sentiu uma dor alucinante, que não parava mais, que podia ter durado um segundo ou uma hora ou um dia, e que só desvaneceu com a inconsciência.

*

Quando abriu os olhos, estava deitado num quatinho, com cortinas brancas que filtravam o sol da manhã. As lembranças da noite voltaram de repente, fazendo o coração saltar no peito.

Ele tinha se deixado capturar.

Tentou se sentar e soltou um gemido, caindo de volta para trás. Seu torso estava nu embaixo das cobertas, mas enrolado em ataduras — assim como o ferimento na perna.

Uma figura surgiu à porta.

— Ah, você acordou! — Amelia ergueu as mãos num gesto de paz quando ele tentou se encolher contra a cabeceira. — Está tudo bem. Posso... *medir* sua temperatura?

Ele não respondeu, mas não tentou mais fugir. Amelia pôs a palma na sua testa.

— Bem melhor. — Ela se virou para a mesa de cabeceira, onde havia uma pequena pilha de toalhas, uma bacia com água e um objeto fino de vidro com um líquido vermelho e espesso no interior. Yian arregalou os olhos, mas ela só pediu que ele abrisse a boca e o enfiou ali. — Espere um minutinho que eu já tiro. — Molhou um pano e levou-o à testa dele. Yian olhou ao redor, atordoado, e através da cortina viu que ainda estava nevando. Como aquela casa era tão *quente*?

Amelia se sentou à cadeira ao lado da cama.

— Garoto, você me entende?

Ele assentiu.

— Faz dois dias que está aqui. Estava com febre, e a ferida na sua perna estava *supurando*. Dana está cuidando de você. Não sei se lembra dela. A mulher de pele escura?

Ele assentiu de novo.

— Você quebrou uma... — Ela traçou o dedo de um lado a outro, embaixo do coração dele. — Costela. Precisa descansar e tomar os remédios. Pode ficar com a gente até sarar.

Ele arregalou os olhos, o coração martelando de novo. Sacudiu a cabeça.

Amelia ergueu as mãos.

— Não sei de onde você veio, mas não falamos para ninguém que está aqui. E não precisamos falar. Só descanse. — Ela puxou o objeto de vidro da boca de Yian e o examinou.

Um desespero frio tomou os membros dele, apesar da temperatura do quarto. Nunca conseguiria chegar ao porto, fraco como estava. Qual seria o plano delas? Por que ainda não tinham chamado as autoridades? Talvez não soubessem. Talvez achassem que ele era um garoto de rua, ainda que ele não tivesse visto muitos deles pelos becos de Lacconia. Seria um truque? Será que elas queriam vingança?

Amelia não parecia arder de ódio contra o inimigo. Ele notou pela primeira vez que o cabelo da mulher era escuro como o dele, preso em um coque desleixado. Tinha rugas ao redor dos olhos que se pronunciavam mais quando sorria.

— Se está preocupado com dinheiro — disse ela —, pode me ajudar com umas coisinhas.

Ele estreitou os olhos. Trabalhar? Fazia um pouco mais de sentido. Trocar serviço por comida ele conseguia entender.

O canto da boca de Amelia se curvou para cima.

— O que acha de fazer livros?

*

A casa ficava nos fundos da loja, atrás de uma cortina. Consistia na cozinha, no quartinho onde ele acordara, no quarto das duas, na oficina de Amelia e em algo chamado *laboratório* de Dana, palavra que ele não conhecia e que indicava um cômodo sempre fechado.

— Ela guarda os instrumentos de trabalho ali — explicou Amelia. — Então não entre lá, tudo bem? É perigoso.

A médica passava a maior parte do dia enfurnada no cômodo ou visitando pacientes. De manhã, trocava as ataduras de Yian, recomendando enfaticamente que não se esforçasse, e o fazia beber um medicamento asqueroso que lhe dava ânsia. Era uma mulher de poucas palavras e gestos decisivos, os olhos sempre injetados como se não dormisse o suficiente.

O resto do dia, ele passava com Amelia.

Ela era a dona da loja. Vendia — e fazia — os livros. Quando Yian conseguiu se levantar, ela o levou para a oficina, uma sala apertada com uma máquina de madeira imensa, uma mesa, pilhas de papel e tecido, rolos de barbante e uma série de pecinhas de metal. Pegou uma bandeja cheia de pecinhas, encaixou-a na máquina e abaixou-a com um puxão de

alavanca até encostar na folha abaixo. Quando ergueu o mecanismo, o papel estava cheio de marcas.

Palavras.

— Nós imprimimos os livros página a página — disse Amelia. — Depois, encadernamos.

Mas o que chamou a atenção de Yian foram as placas empilhadas num canto. Ao contrário das bandejas de metal com letras, elas eram de pedra. De pedra de um vermelho vivo.

— São para as ilustrações — disse ela, dando um olhar estranho para ele. — A pedra-rubra é mais *maleável*, então é mais fácil para os artistas *entalharem*. Já viu uma?

Ele a encarou.

Cada uma daquelas placas valia mais em Karten do que toda a família de Yian tinha ganhado na vida. Apenas um daqueles objetos impossíveis — dentro de uma lojinha qualquer em Lacconia, na posse de duas mulheres que sequer pareciam ser ricas — seria o suficiente para levar alguém a matar e morrer no reino dele.

O metal sagrado podia assumir forma líquida ou sólida e era a substância mais preciosa do mundo. Em Karten, os nobres o usavam para forjar espadas que atravessavam qualquer material e matavam com o menor dos cortes. As balas dos canhões eram feitas com ele, e não raro se ouvia que algum soldado tinha perdido o braço mexendo onde não devia. Diziam que os alquimistas invocavam espíritos malignos para usar os poderes da pedra e criar muralhas impossíveis de derrubar, telhados impossíveis de queimar, barcos impossíveis de afundar. Diziam até que consumiam o material, prolongando sua vida por centenas de anos.

Eles haviam entrado em *guerra* por aquele negócio.

E não eram só as placas. Tubos que saíam da cozinha expeliam vapor de água-rubra para aquecer toda a casa, e cada uma das lamparinas nos cômodos emitia uma luz avermelhada e sem cheiro. No dia em que Amelia despejara o líquido vermelho-vivo na lâmpada do seu quarto, ele observara embasbacado como a luz imediatamente ardera mais forte.

— Temos que tomar cuidado — comentara Amelia casualmente. — A água-rubra pode machucar. A concentração do metal é alta demais.

Ele ficava acordado à noite, pensando em quantas daquelas lâmpadas poderia enfiar no casaco quando fugisse.

Então, só balançou a cabeça quando ela repetiu a pergunta, despertando-o do devaneio. *Não, nunca vi uma.*

— Bem, pensei que você podia me ajudar com as... — Ela apontou para as placas de metal. — *Matrizes*. Tenho que compor cada página com base

no texto original — ela ergueu um maço de papéis manuscritos da mesa — e leva um certo tempo. Você pode me ajudar. Se quiser.

Quando ela viu que ele encarava confuso os garranchos nos pergaminhos — não pareciam nada com as letras de metal na bandeja —, pareceu se dar conta de algo.

— Mas acho que não é tão fácil, né? — Um esboço de sorriso tocou os lábios dela. — Não se preocupe. Posso ensinar cada letra para você.

O coração dele bateu forte, como se ela tivesse lhe oferecido um tesouro proibido.

Suas únicas escolhas eram sim e não.

Ele assentiu.

*

Dia após dia na oficina, Yian repetia na mente o som de cada letra enquanto montava palavras. Levava uma eternidade para compor uma única matriz — Amelia fazia o mesmo trabalho tão depressa que ele sentia o rosto esquentar.

Ela não reclamava, no entanto. Pelo contrário: estava sempre falando como era bom ter ajuda e companhia. Quando o movimento estava tranquilo e depois de fechar a loja, ela se sentava do outro lado da mesa. Diante do silêncio dele, falava um pouco sobre tudo: como conhecera Dana, a família que vivia no interior, os lugares que já visitara, os debates na Universidade de Lacconia, os livros que estavam compondo. Nunca mencionavam a guerra. Talvez tivesse sido tão rápida, imaginou Yian, que ela nem pensasse mais no assunto.

Ela o chamava de “garoto”, mas a palavra soava carinhosa — diferente de quando os nobres a cuspiam para exigir pequenos serviços dele.

Amelia só fizera perguntas pessoais uma vez, para saber se ele queria mandar uma mensagem a alguém ou se podia ajudá-lo a voltar à sua família.

Eu não tenho mais família e só preciso de um navio, pensara ele.

Mas só balançara a cabeça.

Um sininho sobre a porta da frente tocava sempre que entrava um cliente, e Amelia corria para atender com um revoar de saias e um sorriso no rosto. Yian apurava os ouvidos, tentando captar informações úteis, mas logo percebeu que grande parte dos clientes eram crianças. Vinham acompanhadas pelos pais e não pareciam ter medo de nada: mexiam nos livros, riam alto, pediam histórias a Amelia.

Em muitas tardes, ela se sentava mesmo num banquinho, pegava um livro e começava a ler para uma roda de meninos e meninas de olhos brilhantes e riso fácil.

Yian permanecia atrás da cortina que separava a loja da casa, espiando pela fresta e escutando com atenção. Ainda não conseguia ler bem; demorava para formar frases e não conhecia várias palavras em lacconiano. Mas, quando Amelia contava histórias para as crianças, perder uma ou outra palavra não era um problema: ele entendia o sentido das frases, sentia a emoção na voz das personagens.

Certa noite, ela deixou o livro da vez na mesa de cabeceira dele. Yian testou o som das palavras com lábios silenciosos e tocou as imagens, traçando o contorno das figuras vibrantes com o dedo. Nunca tivera nada tão bonito nas mãos.

Dias depois, montava uma história de aventura, com piratas e monstros, e percebeu que tinha esquecido do trabalho para ler algumas páginas à frente e descobrir como o herói ia se safar da enrascada. Ergueu os olhos, mas Amelia não parecia preocupada do outro lado da mesa.

Então, sem pensar muito, ele selecionou algumas letras de metal e ficou esperando. Ela sorriu.

— Que foi? Está difícil de entender?

Ele as dispôs na mesa, em ordem.

Ela leu devagar: Y-I-A-N.

Arregalou os olhos.

— Seu nome? — A voz da mulher saiu baixa.

Sim.

Amelia sorriu largo, o canto dos olhos se enrugando. Era impressão dele ou brilhavam mais? Ela fez menção de afagar o cabelo dele, como uma das crianças a quem contava histórias, e ele abaixou o rosto.

— Ah, que bom. É um prazer conhecer você, Yian.

*

Um dia, Yian ouviu Dana sair bufando do laboratório e falar à esposa que ia comprar determinado suprimento em falta; quando deu por si, talvez por culpa da estranha impressão de segurança que vinha sentindo, viu-se diante da porta misteriosa, a mão na maçaneta.

Girou.

Ela abriu.

O cômodo era pequeno e entulhado, com caixotes empilhados contra uma parede e duas estantes com jarras de vidro cheias de ervas e líquidos

coloridos. Mas foi a mesa no meio do cômodo que atraiu sua atenção. Tubos transparentes se conectavam formando um dispositivo complicado que soltava vapor e chiava como uma chaleira furiosa. Fluindo entre os vários níveis, água-rubra descia os canais até pingar, gota a gota, num recipiente no centro. Ele deu mais um passo. A mesa estava toda desenhada com giz branco: linhas e círculos se espalhavam do centro e se entrecruzavam, cobertos de símbolos que, definitivamente, não eram as letras laconianas que ele aprendera.

O zumbido em seus ouvidos foi cortado por uma voz atrás dele.

— Eu devia ter me lembrado que crianças são curiosas.

Amelia não soou fria, mas um bloco de gelo se assentou na barriga de Yian mesmo assim. Ele estremeceu quando ela tocou suas costas.

— Que cara é essa? — tentou brincar ela quando Yian rechaçou o toque. — É tão assustador assim?

Assustador era pouco. Alquimia era coisa do mal, todos sabiam. Alquimistas eram capazes de criar monstruosidades, torturar, envenenar, de enlouquecer as pessoas ou as matar de mil jeitos diferentes. E Amelia... *morava* com aquela mulher. Era *casada* com uma alquimista.

Mesmo se pudesse falar, talvez não conseguisse. A garganta estava seca, bloqueada por um nó. Foi tomado por um pavor que ele não sentia desde a noite em que fugira do campo de batalha.

Dana tinha tocado nele. Tratado dele. Dado algo misterioso para ele beber.

Ele também estava morando com uma alquimista.

— Não tenha medo — insistiu Amelia, a voz baixa. — Eu também não entendo nada *disso* — ela apontou para os desenhos esquisitos —, mas pense que é como... outra língua. Eu não sei falar, mas não significa que esteja dizendo algo ruim. — Ela suspirou. — Vamos voltar? Não vou contar para Dana que você entrou aqui.

*

Naquela noite, cada vez que Dana falava algo no jantar, ele abaixava o nariz quase até o prato, o terror provavelmente estampado na cara. Não sentia o gosto da comida. As mãos tremiam ao redor dos talheres. Nenhuma das duas dizia nada, mas a careta de Dana se aprofundava cada vez mais.

Mais tarde, Yian não conseguiu dormir, pensando em fugir pela primeira vez em dias, talvez semanas. Mas adormeceu em algum

momento, porque acordou com Amelia assomando sobre ele com um sorriso encabulado.

— Bom dia. Queria ver se você ainda estava... Quer dizer, tenho algo diferente para você hoje.

Sem ver jeito de se esquivar, seguiu-a até a oficina, com um olhar de soslaio para a porta fechada do laboratório. Amelia o convidou a se sentar diante de um novo manuscrito.

Ele quase engasgou quando leu o primeiro trecho.

A calterita, chamada vulgarmente de pedra-rubra ou metal sagrado (em sua forma líquida, água-rubra, sangue dos deuses ou elixir divino), é um mineral que permite a conexão com os atributos da esfera sobreceleste através de comandos alquímicos...

Yian não fazia ideia do que era uma *esfera sobreceleste*, mas entendeu que não devia ter aquilo em mãos. Um manual para alquimistas. Um livro de magia, secreto, proibido... e que Amelia ia *vender* para quem quer que entrasse na loja? A mente dele girava.

Não o *matariam* por ler aquilo?

Pelo visto, não. Pelo visto, em Lacconia, os segredos ficavam expostos nas vitrines. Continuou nos dias seguintes, evitando Dana sempre que possível — com medo de ficar, mas sem conseguir partir. Pois embora o livro fosse complicado e cheio de palavras desconhecidas, algo sempre o fazia voltar a ele como um náufrago que encontrava terra.

A calterita é empregada na medicina, nas artes, em rituais de religiões diversas e também na guerra...

Com os símbolos alquímicos e a disposição celeste, constrói-se uma matriz...

A conexão entre o alquimista e os atributos superiores permite fazer a calterita assumir as propriedades desejadas e atender aos comandos da matriz...

E havia cálculos e diagramas, as tais *matrizes* que não eram nada como as que ele conhecia, listas de plantas e as propriedades que queremos extrair delas, informações incompreensíveis sobre a água e a terra, descrições de animais e seus órgãos e do corpo humano em cada uma de suas peculiaridades. Tudo muito complexo — e chato. Ele nunca imaginara que os maiores segredos do mundo seriam *chatos*. Ao mesmo

tempo, sempre que entendia algo, sentia uma emoção indescritível, como se tivesse furtado um doce gostoso de um nobre.

Um dia se sentou para o café da manhã enquanto Dana estava à mesa. Os lábios dela se curvaram. Seu sorriso era diferente do de Amelia — um pouco irônico, como se risse de uma piada que ele não entendesse.

— É a primeira vez em cinco dias que não parece que você vai sair correndo ao me ver. — Ela abaixou a xícara. — Finalmente. Hoje você não vai para a oficina. *Eu* também preciso de uma ajudinha.

Ela esperou em silêncio até ele enfim assentir.

*

O ataque dos alquimistas kartenianos na capital destruíra boa parte do porto. Houve mortos e feridos, alguns dos quais Dana tinha tratado após o acordo de paz — ou, melhor dizendo, a capitulação de Karten.

A guerra seria rápida, o sargento dissera quando Yian tinha partido com seu batalhão. E foi. Eles só não sabiam que estariam do lado perdedor.

Agora, ele percebia que não podia ter sido diferente.

— Essa matriz é simples — disse Dana, apontando para o desenho mais complicado que ele já tinha visto. — Resumindo: essa parte descreve as substâncias e as propriedades delas que queremos obter. Esta explica a condição da paciente. Isso é uma invocação dos atributos divinos que vamos usar. Isto é algo como minha assinatura pessoal, que vai me conectar com o resto e fornecer a força para a transformação. E, claro, o diagrama representa a disposição estelar que vai guiar o processo e define o elemento dominante, neste caso a água. Entendeu?

Não, pensou ele, mas assentiu.

Dana riu.

— Mentiroso. Levei anos para começar a compreender essas coisas. — Ela pegou um recipiente que já continha ervas maceradas, uma resina espessa e um pouco de sangue da mulher para quem Dana ia fazer a poção. Depois, olhou para ele e apontou para uma jarra na mesa. — Três gotas.

Yian tentou não deixar as mãos tremerem enquanto pingava a quantia exata de água-rubra na tigela com um conta-gotas. Fechou o frasco e, sentindo o coração na garganta, recuou alguns passos como ela instruíra.

Dana apoiou a tigela no centro da matriz e gesticulou sobre a mesa. As linhas de giz reluziram vermelhas. Yian sentiu o ar do laboratório mudar, arrepiando os pelos dos braços.

Então, viu a alquimia agir pela primeira vez.

Para sua surpresa, não sentiu medo — o coração acelerado era outra coisa. A poção girava lentamente, como se mexida por uma colher invisível, e os olhos de Dana brilhavam como duas gotas de sangue. Ela os fechou e, quando os reabriu, a cor tinha desbotado para uma leve vermelhidão. As linhas na mesa brilhavam mais fracas, feito brasas numa fogueira.

— Dizem que o mundo foi criado após uma grande batalha cósmica — falou ela num sussurro —, e que a pedra-rubra é o sangue *vertido* das divindades. Por isso, chamam a água-rubra de sangue dos deuses. — Dana bufou. — Vai saber. Talvez seja verdade. Toda vez que faço uma transformação, sinto que estou conectada a algo maior que eu.

Yian conseguia entender. Ele mesmo sentia que seu mundo se alargara irreversivelmente.

*

Não perdera o hábito de ouvir atrás de portas, e estacou fora do quarto das duas quando ouviu a palavra à qual sempre se mantinha atento.

— Os prisioneiros de guerra ainda estão detidos no norte? — perguntou Amelia.

— Você está acompanhando os jornais?

— Li que enviaram uma *delegação* para negociar com Karten.

— Bem, isso só vai sair amanhã, mas... eles recusaram a proposta.

Silêncio.

— Recusaram?

— Karten não quer os prisioneiros de volta.

— Então o quê...?

— Vai haver uma votação do conselho para ver o que fazer com eles. — O suspiro de Dana atravessou a porta fechada. — Não sei o que vão decidir.

— O que há para decidir?

A esposa hesitou de novo.

— Alguns estão propondo a execução de todos — disse, enfim.

Execução. Yian lera a palavra em um dos seus romances.

— Animais! — veio a voz ríspida de Amelia. Yian nunca a ouvira tão furiosa. — Não foram aqueles soldados que decidiram lançar uma invasão. Foram abandonados pelo próprio país!

— Amor, você não precisa me convencer. Mas os ânimos ainda estão acirrados. As pessoas se deixam levar pelos agitadores em momentos de

tensão. Tivemos baixas. Ainda que a vitória tenha sido rápida, eles arrasaram casas e plantações por onde passaram...

Yian se encolheu.

— Então que responsabilizem os generais, que demandem reparações do rei! — continuou Amelia. — Desde quando nosso país simplesmente mata pessoas?

— Não mata. Por isso mesmo vai haver uma votação entre os conselheiros. Nunca houve execuções desde a nova constituição, muito menos nessa escala. Precisariam da maioria dos votos.

— E você acha que vão conseguir?

— Bem... não sei. A opinião pública tem peso nessas coisas, e é ano de eleição... Só quero que você esteja preparada se... — Yian não ouviu o final da frase.

Elas se calaram por um longo momento, até Amelia continuar:

— Nós também somos do público. Acho que está na hora de expressarmos nossa opinião.

Yian se afastou na ponta dos pés, o coração apertado. Já conseguia se mover. Fazia tempo que os ferimentos tinham sarado.

Ouvira o suficiente para entender o que precisava fazer.

*

O laboratório estava iluminado apenas pelo luar fraco que entrava pela janela alta enquanto ele tentava tomar uma decisão. Não ouviu a porta se abrir.

— Eu sugeriria a pedra — disse Dana atrás dele, provocando-lhe um sobressalto. — É mais pesada, mas mais segura. Se derrubar *uma* gota de água-rubra pura na pele, vai abrir um buraco. Claro, a gente preferia que você não fosse embora. — Ela o pegou pelo braço. — Venha. Amelia quer discutir algo com você.

A esposa estava sentada sobre as cobertas, o cabelo bagunçado e os olhos cansados.

Ele se sentou na beirada da cama. Dana os deixou a sós, e Amelia tomou as mãos de Yian.

— Quando você chegou aqui com febre, estava delirando — começou ela. — E falou comigo. Lembra?

O coração dele acelerou. *Não.*

— Eu sei que você não quis vir para cá. — As palavras saíram como um segredo.

O estômago dele deu cambalhotas. Ela sabia. Sabia desde o começo.

— Os seus... companheiros estão presos.

Sim.

— Vai haver uma votação para saber o que fazer com eles. Dependendo do resultado, talvez... talvez não seja seguro para você continuar aqui. Mas tive uma ideia. Não sei se vai ajudar, mas acho que vale a pena arriscar. — Ela tentou sorrir. — Você gosta das histórias, não gosta?

A pergunta o pegou de surpresa. *Sim.*

— Estaria disposto a contar uma para mim? — Ela apertou a mão dele. — A sua?

Yian queria dizer que não tinha nada de interessante na história dele. Que era só um soldado insignificante que as pessoas queriam morto. Que estava calado fazia tanto tempo, que não sabia nem se conseguiria falar, ou em qual língua. Acima de tudo, achava que, mesmo se falasse, ninguém ia querer ouvir.

Mas Amelia o encarava com calma — e expectativa.

— Eu acho — disse ela — que podemos mudar algumas opiniões.

E ele se viu assentindo outra vez.

*

— Esse é meu sobrinho, Illo — apresentou Dana no dia seguinte, apontando para um rapaz alguns anos mais velho que Yian, com cabelo loiro, óculos e roupas espalhafatosas. — Ele estuda na universidade e parece um *almofadinha*, mas escreve bem.

— Poxa, tia — queixou-se o rapaz, depois sorriu para Yian e fez uma mesura exagerada. — Oi. Não precisa ter medo. — Sinalizou como se fechasse a boca. — Não vou falar para ninguém que você está aqui, nem pôr seu nome no livro.

Livro?

O rapaz se sentou à mesa da cozinha, onde havia um maço de folhas em branco à espera.

— Fale como ficar mais à vontade. Pode começar pela guerra ou seu nascimento, sua família ou seu reino. Fale do que quiser. Eu coloco ordem em tudo. — Ele alisou uma das folhas, a pena pairando sobre o papel. — E, claro, pode falar em karteniano. Conheço sua língua.

Amelia passou a mão nas costas dele e puxou uma cadeira. Yian se sentou entre as duas mulheres.

O que ele queria falar? Por onde começar?

Por um instante, temeu que a voz tivesse desaparecido para sempre por falta de uso.

Seus lábios se mexerem sozinhos.

— Meu irmão morreu com dois anos — foi o que saiu.

De repente, as palavras pareceram jorrar.

Yian falou da fome e do frio. Dos tributos que os pais tinham que entregar ao senhor que controlava suas terras. Das doenças que acometiam os vilarejos e geravam pilhas de corpos. Do primeiro homem que viu morrer, balançando numa corda por roubar uma lasca de pedra-rubra.

Falou de como um dia soldados haviam chegado na vila arregimentando garotos da região para lutar pelo reino. Do treinamento, do peso da espada nas mãos, do cansaço e da comida intragável. Do sargento que estava sempre rosnando com eles e falando que era uma honra lutarem pela glória de Karten. Como o rei conquistaria Lacconia, se apoderaria das minas de pedra-rubra do país vizinho e criaria um império. Como cada um ganharia gotas do metal se lutassem direito.

Falou dos alquimistas que cruzavam o acampamento, arrogantes e poderosos, inspirando pavor no coração de todos.

Falou do plano de Karten: os alquimistas atacariam a capital enquanto os soldados rasos desembarcariam no norte e avançariam pelo interior. O povo não iria resistir; eles queimariam tudo por onde passassem, e os lacconianos se renderiam.

Falou de como o povo fugiu, mas não se rendeu. Do avanço lento e difícil. Por onde passavam, tudo já estava arrasado, e logo começaram as doenças. Corriam boatos de que a população local envenenara a terra e a água. Então, um dia, com metade do regimento imobilizado, as tropas lacconianas caíram sobre eles.

Ele falou da batalha, pelo menos do que se lembrava dela: vislumbres de terror e sangue.

Falou de como foi ferido. De ver os companheiros serem capturados, de como tinha se fingido de morto e se levantado na calada da noite, fugindo enquanto os inimigos montavam acampamento. Falou de como percorreu o país de norte a sul.

Falou de como nunca tinha visto um livro antes.

*

No dia seguinte, Amelia entregou a Yian um maço de folhas.

Era a vida dele, mas de um jeito que jamais teria conseguido contar. Ele tinha mesmo falado do cheiro das flores nos campos no verão? Do

corpo rígido do irmão quando foram enterrá-lo? Do terror das punições que parecia pairar sobre a vida de todos?

Nem se lembrava mais.

O relato era intensamente familiar e, ao mesmo tempo, parecia a vida de outra pessoa. Alguém importante.

— Às vezes, a verdade fica mais clara através de outros olhos — disse Illo mais tarde, quando Yian comentou.

*

— O título é o mais importante! — exclamou o escritor naquela noite. Estavam os quatro reunidos na cozinha como conspiradores. — Tem que chamar a atenção.

— “A vida de um garoto karteniano”? — propôs Dana.

— Sem graça — julgou o sobrinho.

— “Uma história verídica de alguma coisa” — sugeriu Amelia. — As pessoas gostam de histórias verdadeiras, ainda que a maioria delas tenha uma boa dose de fantasia.

— Isso! “As memórias verídicas de um soldado karteniano...”

— “... em uma terra inimiga” — sugeriu Dana. — Já aponta o conflito.

O escritor abriu um sorriso lento e satisfeito, então se virou para ele.

Yian repetiu as palavras na mente. Parecia um livro de verdade, pensou.

E como hábitos eram difíceis de largar, apenas assentiu.

*

Ele nunca vira o homem que entrou na livraria dias depois, mas pelas vestes — nas quais reluzia um emblema em formato de gota —, entendeu que era um alquimista. Ao contrário de Dana, que dizia ser só uma médica, claramente era alguém importante.

Amelia não falou nada enquanto ele tocava na pilha das *Memórias* no centro da loja.

— Só ouço falar desse livro — disse o sujeito. — Ninguém sabe de onde veio, só que diversos lugares começaram a vendê-lo ao mesmo tempo. Fui investigar e descobri que o original foi entregue anonimamente a diversos livreiros. De graça. — Ele fez uma pausa. — Muito generoso da parte dos autores.

— Devem prezar pela difusão do conhecimento — respondeu Amelia.

O homem ergueu uma sobrancelha.

— O que acha que está fazendo?

Ela encolheu os ombros.

— O que sempre fiz. Livros. Que eu saiba, não estou quebrando nenhuma lei.

— Não — admitiu ele. — Mas devo avisá-la de que está mexendo com fogo. Viu a resenha que saiu no jornal esta manhã?

Ela vira e mostrara para Yian: a autora elogiava a narrativa, dizendo que era *comovente e ao mesmo tempo revoltante*. Mais tarde, ele tinha lido uma matéria chamando a obra de *pura propaganda inimiga*.

— Se queria chamar atenção, parabéns — continuou o homem. — Conseguiu. Começaram uma petição na universidade em prol dos prisioneiros kartenianos, e amanhã haverá uma manifestação na frente do prédio do conselho contra a execução das tropas.

— É mesmo? — Amelia não escondeu a animação.

— E acredite, *alguns* dos seus representantes eleitos não estão nada contentes. Estavam contando com a onda antikarteniana para passar alguns projetos de restrição de movimento a estrangeiros.

— Que pena.

— Hipoteticamente, se a história for mesmo verídica, pode causar problemas para quem abrigou o fugitivo.

— Hipoteticamente, conselheiro, quais as chances de a votação pender para o lado da civilidade? — rebateu Amelia.

Ele soltou o ar, balançando a cabeça.

— Faltam cinco dias. O futuro dirá. — Yian conseguiu ouvi-lo resmungar, ao dar as costas para ela: — Eu não fazia ideia de que um livro podia causar tanto rebuliço.

*

No dia da votação, elas não aguentaram apenas esperar por notícias: foram ao palácio do governo assistir ao pleito, deixando Yian sozinho.

Com as cortinas da vitrine fechadas, ele folheou livros que nunca havia tido interesse em pegar antes, arrependendo-se agora que provavelmente nunca mais teria a chance de lê-los. Quantas histórias deixaria de ouvir, quantas coisas deixaria de aprender? Não era à toa que aquele povo era tão criativo na paz e na guerra, pensou. Viviam cercados de ideias.

Quando as duas entraram correndo pela porta, ele só teve tempo de reparar que Amelia estava chorando antes de ser envolvido num abraço apertado — e levou duas batidas descompassadas do coração para perceber que as lágrimas eram de alegria.

As palavras dela tropeçavam umas nas outras. *Perdoados. Libertados. Vão financiar o retorno dos que quiserem voltar para casa.*

Dana pôs a mão na cabeça dele.

— Mas você pode ficar, é claro. Gostaríamos que ficasse.

Como era estranho e maravilhoso, pensou ele, ter escolhas.

Naquela noite, adormeceu sob uma luz vermelha suave — um livro aberto sobre o peito, a ser retomado no dia seguinte.



O aprendiz de mil olhos

João Mendes

cerca de 5.000 palavras

Edição: Fernanda Castro
Preparação: Diogo Ramos
e Jana Bianchi
Revisão: Ian M. M. Duarte

Ilustração: Winny Tapajós

CHEGADO O DIA da formatura, Eusébio levantou cedo, limpou o retrato da esposa e chorou escondido, mesmo com a casa vazia. Fez o que fazia todas as manhãs da última década dos noventa e poucos anos de vida. O corpo desacostumado com a saudade buscava uma pele para tocar, abraçar perto e dar bom dia. No entanto, somente quando o velho acordava de fato, lembrava da casa sempre em ausência.

Naquela manhã, as bandeirolas já deveriam estar espalhadas por todo o pequeno município de Ponta Serena. Em algumas horas, uma revoada de crianças tomaria a praça. Cada uma invocaria o feitiço único para a graduação, e, entre elas, estaria o velho Eusébio e suas canelas finas.

Eusébio caminhou pela plantação de milho sem enxergar nada além da terra vermelha, das espigas que cresciam e da porteira, passos à frente. Além disso, apenas a neblina. Os olhos cobertos pelo chapéu de aba rasgada. Como todas as manhãs — sempre com a bengala em mãos e o mesmo passo calmo de quem não espera novidades do mundo —, observou os tomates, os cajus e as melancias pesadas que nasciam esparramadas pelo chão. Tratou cada grão de terra, cada folha e cada caracol com a delicadeza que o pai lhe ensinara. Fora dali que havia tirado o sustento do corpo ao longo da vida. Pensou na quantidade de pessoas espalhadas por Pagu, o país encolhido, que já haviam se alimentado daqueles frutos. Depois de noventa anos com a mão na terra, Eusébio sentia que agora era ela que estava prestes a enterrar a mão do homem.

Se aproximou da única região de chão sem planta, onde o barro dava lugar à textura rochosa de uma carapaça. O casco, do tamanho de três homens, movia-se lento, para cima e para baixo. Eusébio não disse nada, apenas bateu com a bengala três vezes no chão e esperou. No espaço, a terra se moveu. Conforme a carapaça subia, as bordas da cratera de areia se derramavam para dentro da fossa.

Dois olhos sonolentos surgiram do buraco. Abriram-se, esbranquiçados, como velas derretidas. Tambor era um cão-das-serras, o corpo coberto de pelos negro-azulados e as costas protegidas por uma longa série de placas ósseas. Os longos chifres denunciavam a idade avançada. O cão abriu a boca, e dali desabou uma língua pesada e preguiçosa. Eusébio tirou do bolso um punhado de ração e o despejou na boca do cão, que, fraco da mandíbula, mastigou devagar.

Foi quando, com a terra tomada pelo silêncio, assistiu a uma mariposa se deitar em uma folha de cajueiro. Abriu as asas. Nelas, via-se o formato de dois olhos acesos, amarelos no meio do marrom. Bastou o vento assanhar as folhas para a mariposa voltar pelo mesmo caminho. A aparição foi breve, mas deixou seu rastro. O velho, novamente sozinho, decidiu entrar para terminar o que tinha de ser feito.

Ligou a vitrola empoeirada, pôs o café no fogo. Ficou parado na frente do fogão, observando até que estourasse a primeira bolha da quentura e dali saísse uma fumaça tímida com cheiro de café preto. Depois da primeira, vieram outras e outras. Eusébio não sairia dali, porque a distração causada pela idade podia fazê-lo se esquecer até de que tinha acendido o fogo, assim como fazia todas as manhãs ao se esquecer de que Francisca não andaria mais por aquela casa, coberta pela camisola branca rasgada debaixo do braço.

Mastigou o pão sem pressa, sorveu o café sem vontade. Só depois de arrumar a mesa foi que separou a beca em cima da cama. Sobrava espaço. Admirou a veste da formatura. Tirou do guarda-roupa o livro de feitiços, as páginas amarelas sufocadas de tinta, das letras que havia aprendido depois de velho. Abriu o livro com capa de couro, passou o dedo pelas marcas da caneta. Todos aqueles feitiços, encantarias e invocações escritos por sua mão magra e calejada. Escrever doía a ponta dos dedos, mas era um doer bom. Dentre todos, existia apenas um feitiço ali que ainda não havia visto o mundo. O último deles, o que Eusébio só poderia invocar no dia da formatura. Caso não conseguisse, o diploma seria tomado de sua mão. Mesmo nervoso, sorriu.

Essas palavras fui eu que pus no mundo.

Tomou banho, jogou o perfume de alfazema no corpo, vestiu a beca e se olhou no espelho. Foi a primeira vez que sorriu depois de muito tempo. Desacostumados, os cantos da boca latejavam na passagem do riso. Eusébio, o cabelo ralo, os sulcos abertos na pele e a ponta do nariz queimada de sol, vestia o manto de feiticeiro e, no lugar da bengala, trazia o bastão que durante toda a vida sonhara carregar.

Imitou a maneira como Francisca arrumaria seu cabelo, penteado para o lado. Foi vestido como uma criança no dia de formatura que Eusébio se sentou na porta de casa com as canelas descobertas e o grimório pesado na mão. Ao ver ao longe a imagem de Banzé, montado na moto, o velho tirou a foto do porta-retrato e a guardou no bolso.

*

Quando criança, Eusébio via dezenas de meninos passarem ali pela frente. Falavam alto, trazendo bastões nos dedos e livros com capa de couro debaixo do braço. Os cabelos sempre bem-penteados e as camisas de linho branco por dentro da calça. O pequeno Eusébio se escondia atrás da porteira, tentando não ser visto, mas os olhos grandes espiavam por entre uma madeira e outra. Se ficasse por ali tempo o bastante, poderia ver alguma das crianças invocar um feitiço, fazendo nascer do chão o espectro de um sabiá ou coisa parecida. Afiava os ouvidos para saber de tudo: como eram as aulas e qual o gosto das palavras encantadas.

Aqueles meninos eram alfabetizados na arte de ler o mundo; o futuro deles, uma estrada extensa de possibilidades. Com o passar dos anos, se tornariam pequenos heróis, a honra do nome na boca do município. Participariam dos desfiles, escolheriam seguir a vida militar ou servir ao povo de outras maneiras, encantando colheitas, ruas ou animais de carga e pastoreio.

A infância de Eusébio era dividida em duas. Em uma, andava com os meninos e seus cajados, aprendia a ler e a criar pequenos sabiás. Na outra, a única que podia viver de fato, ficava atrás da porteira no horário do almoço. Os meninos já desapareciam, mas a mente do pequeno continuava ali.

— Zezé, cadê você?

A voz grossa veio do quintal. Mesmo sabendo que deveria voltar, Eusébio continuou preso à cerca, inventando uma nova vida. Ficaria até ser encontrado; caso contrário, continuaria pendurado com os olhos no mundo. Foi Tambor quem se aproximou por trás, farejando o menino. Na

época, o cão era do tamanho do garoto. Os chifres pequenos e a carapaça frágil. Raimundo, pai de Eusébio, veio logo atrás.

— Olha você... Tá fazendo o que pendurado aí?

— Nada não, painho. Achei que tinha visto uma raposa, aí vim olhar para ver se era mesmo. Queria ficar de olho nas galinhas.

— Entendi, filhote. — Raimundo coçou a barba. — Mas deixa isso aí. Se for raposa mesmo, Tambor cuida dela. Tá mais do que na hora de ele aprender alguma coisa.

— Ah, certo...

Depois da comida descansada na barriga, era hora de aprender. Eusébio não aprendia as letras mágicas porque Raimundo varava a tarde explicando os detalhes da terra. Fazia o filho diferenciar as texturas das sementes e a perceber a fertilidade do chão arado. Raimundo, por debaixo do rosto duro, tinha o coração mole e a voz leve. Levava o filho todos os dias para ver crescer um pequeno ramo na terra até que virasse uma obra completa. Nunca fazia o menino carregar pesos que seus pequenos ossos não suportassem.

Assim, Eusébio viveu sem se esquecer dos olhos de Raimundo, aquela centelha que se acendia neles cada vez que falava do ofício da agricultura, cultivado no seio familiar. Os brotos cresceriam, entrariam nas casas, alimentariam famílias. A função da família fora decidida após reuniões populares no centro da praça, Raimundo contava. O pai dele, avô de Eusébio, havia levado o filho para assistir aos debates acalorados. Ao fim, a responsabilidade de cada bairro fora determinada, tudo pago com o dinheiro do povo. Trabalho não faltava: plantar, pescar, coletar mariscos, fazer artesanato, render. Cada um se entregava à sua parte.

No caminho de casa, após mexer na terra, Eusébio não conseguia tirar da ponta da língua a vontade de falar. Certo dia, Raimundo anotava as despesas no caderno, debruçado sobre a mesa. Eusébio se aproximou do pai, como quem não queria nada. Ensaiara o dizer algumas vezes antes de tomar coragem.

— Pai... — A voz esgueirada.

— Oi, filho.

— O senhor pode me tirar uma dúvida? Juro que é rápido.

— Jogue duro. — Raimundo tirou o chapéu e o pôs sobre a mesa.

— Tem uns meninos que passam aqui na frente de casa todo dia, não sei se o senhor já viu... — Esperou alguma resposta do pai, mas não encontrou nada além de uma boca contraída. — Já?

— Acho que sim. Os que estudam na escola lá de cima?

— Esses daí.

— O que tem eles, Zezé?

— Eles também aprendem coisas, mas são coisas diferentes. Aprendem as outras palavras, sabe? Esses dias, vi um deles criar um sabiá com a ponta de um pedaço de pau. Então, eu fiquei pensando...

— Ficou pensando que também quer aprender essas palavras.

— Sim! Quero fazer o que eles fazem...

Era dia, mas algo cobriu o rosto de Raimundo. Uma sombra sem dono. Havia coisas naqueles olhos que Eusébio só poderia entender com o tempo. O menino era um corpo recente, crente que as vontades do peito eram maiores que as limitações da vida. Ainda assim, insistiu:

— Eu podia ir pela manhã, ir para lá, aprender aquelas palavras, escrever no caderno. Depois do almoço eu já estaria aqui, aí o senhor me ensina sobre a terra.

— Zezé, não dá. Nosso lugar é aqui.

— Sim, pai. Eu sei! Mas olha só, vai que eu aprendo alguma coisa para te ajudar? — Eusébio apontou para a roça. — Aumentar o cajueiro, fazer crescer três melancias de uma só vez... As pessoas teriam mais comida, a gente podia até aumentar a terra e...

— Zé, as pessoas precisam comer hoje e não daqui uns anos. Você não precisa de magia para isso, nunca precisou. Precisa conhecer a terra, e isso já é o bastante. Esquece essa ideia. Se ajeita, que temos coisa para fazer. — O gosto azedo das palavras encheu d'água os olhos do pai. — Aqueles de lá são diferentes, eles podem. A gente nasceu para colocar a mão na terra, cabemos onde tem espaço, e é isso. A gente já tem sorte de ter aprendido as primeiras palavras.

— Mas pai... — A voz foi ficando fraca.

— Vamos.

Desde aquela tarde, abriu-se um vão entre os dois. O vento passava com folga pelo espaço aberto que nunca se fechou de fato. Eusébio guardou o dizer, mas nunca a vontade que gritava na boca. Ficou frente à porteira, mas o desejo morreu no tempo. Os meninos que por ali passavam, cresceram. E a passagem desse mesmo tempo, que abraça a todos, também se refletiu no corpo do pequeno Eusébio. Passou-se a época de sonhar.

*

O rapaz que Eusébio tratava como filho sorria como uma criança.

Fez com que o velho, por muito pouco, acreditasse ter se perdido no tempo. Porém, Banzé não era mais o menino que precisava ser segurado

pela mão, e sim o homem alto, de pele negra e cachos abertos. Sorria mais largo do que nunca, mostrando todos os dentes. Era um sorriso justificado — aquele dia era uma conquista dos dois.

Sem pressa, Banzé aceitou um gole do café preto e ficou por ali. Até o horário da partida, conversaram sobre o passado, nutrindo a memória de Francisca, o elo em comum entre os dois.

*

Quando Francisca encolheu, curvando o corpo inteiro e respirando pela última vez, foi Banzé quem ficou ao lado de Eusébio. Foi ele também quem montou acampamento no sofá da casa e morou ali durante meses. Fazia o velho se levantar da cama mesmo quando o corpo já desistia. Forçava-o a comer, beber e até mesmo a sorrir. O filho que Eusébio nunca teve. Em uma das noites que passaram acordados, ouvindo a velha radiola, Eusébio confessou o sonho adormecido: quando pequeno, queria ser mago. Estudar as palavras, encantar as coisas. Depois, zombou da própria ingenuidade, porque tudo estava sempre mudando, as pessoas elegiam seus representantes, organizavam-se, tinham mais voz, mas certas coisas continuavam iguais. E, mesmo o mundo avançando, era tarde para ele.

— Meu sonho era ter um filho — disse Eusébio. — Colocaria ele para aprender as palavras mágicas. Na minha época era difícil, hoje tá tudo mudando. Pena que já passou meu tempo. Imagina aí, Banzé. Um velho como eu, numa sala com um monte de crianças. Na verdade, isso nem pode, né? Seria bom se fosse. Ih, deixe. Coisa de velho, caducando já... Que ideia estúpida, esquece.

Os dois gargalhara, mas Eusébio parou de mostrar os dentes ao sentir que a voz mal cabia na boca. Foi dormir tarde, um tanto embriagado de licor. Banzé escutara tudo, atento. Enquanto observava a noite — na porta da casa do velho, ouvindo o ronco de Tambor —, foi tomado por uma ideia.

Nos meses seguintes, Banzé não respirou outra coisa que não os papéis. Cada vez que Eusébio o questionava sobre o sumiço, ele desviava do assunto. Brincava sobre estar apaixonado, conhecendo alguém, e, logo depois, encerrava o falatório. Mas, na surdina, Banzé tentava mover os céus.

Escreveu, trancado no quarto, o resultado da revolta que muitos conheceriam depois como a primeira Lei de Inclusão da Pessoa Idosa e da Pessoa com Deficiência. Nos primeiros artigos, ela instituía a necessidade

do acesso das pessoas idosas ao ensino regular de magia, assim como às escolas das primeiras palavras.

Depois do rascunho, outras mãos foram necessárias para tecer o documento que serviu de base para o projeto de lei, cuja efetivação de cunho popular nem mesmo Banzé acreditava ser possível. O rapaz precisava colher a assinatura de um a cada vinte eleitores municipais e, mesmo sob protestos dos arcanos mais conservadores, continuou batendo de porta em porta. Eusébio, quieto no seu luto, foi o último a saber da proposta.

Banzé era uma voz rouca, tímida, e que, por vezes, evitava até mesmo ser ouvida. O barulho que fez foi como o de uma pedra mergulhando no riacho. Ainda assim, a pequena propagação na água motivou muitos outros. Por ali, não faltavam sonhos bem sonhados presos em vidas mal vividas. Não houve esquina em Ponta Serena que não teve o caminho cruzado pela notícia. Por mais alto que fosse o burburinho do riacho, outras vozes se lançaram como pedras, que caíram sobre a água numa chuva incessante.

O processo transcorreu por anos. Foi no aniversário de oitenta e cinco anos do velho que Banzé apareceu com lágrimas nos olhos, trazendo um embrulho de presente. Eusébio o abriu e encontrou um jornal dobrado, anunciando a notícia. Para fazer valer o acordo, o colégio das outras palavras e encantarias abriria a primeira turma exclusiva para o ensino de idosos. Banzé estava ao lado de Eusébio quando ele chorou seco. Sem lágrima nos olhos, o velho não coube em si. Gemeu. Encontrou naqueles grunhidos o único jeito de prantear em palavras.

— É brincadeira, não é? Diz que é brincadeira, Banzé — repetia, entre soluços.

Foi assim que, mesmo relutante, Eusébio se matriculou. Pisar no chão da academia foi tocar um sonho com os pés.

Banzé o acompanhou no primeiro dia de aula, vestiu-o como faria com uma criança. Penteou o cabelo ralo do velho e chorou ao ver o homem encurvado desaparecer nos corredores.

Não houve um só momento, durante os anos seguintes, em que o velho não cogitasse voltar para casa com a esperança abanando, enganado pela própria fé. Como se aquele evento fosse uma grande piada esperando o desfecho. Ainda assim, foi até o final.

Agora estavam os dois ali, parados na porteira. Eusébio vestido para a formatura, e Banzé não cabendo em si.

— Está pronto, meu velho? — O sorriso atrapalhava as palavras.

— De verdade? Não sei.

— É, acho que nem eu. Francisca ia ficar muito orgulhosa de tu, Zezé.

— Ela está. — Ao falar, lembrou-se da mariposa descansando no cajueiro.

*

Se perguntassem a Eusébio que tipo de pessoa Francisca era, ele diria que a mulher não se tratava de uma pessoa, mas de um evento. Algo singelo que cruza a vida e, quando se vê, muda tudo. Para ele, existia o mundo antes e depois daquela mulher pequena, de olhos grandes e dentes miúdos. Ela gostava do ritmo lento das coisas vivas, mas odiava de todo corpo a estagnação de uma sociedade, como gostava sempre de frisar.

Eusébio e Francisca tinham sido crianças juntos, na mesma época. Porém, só tinham vindo a se conhecer quando a mocidade já chegava rente ao corpo. A revoada dos jovens magos se encaminhava para a formatura, e Eusébio lidava com o luto da esperança. Dezesete anos já era demais para sonhar.

Ainda assim, após o dia inteiro ao lado do pai, o rapaz saía do campo para andar pelo mundo. Caminhava à beira do açude, vez ou outra carregando um pedaço de pau que encontrava no chão. Apontava para os pequenos ramos verdes como se pudesse fazê-los crescer mediante sua vontade. Sentia-se tolo, mas inteiramente satisfeito pela tolice. Sua única plateia era o cão-da-serra que acompanhava seus passos, deixando sempre a terra funda pelo caminho.

Certa tarde, recitou uma palavra inventada, fingindo ser uma magia. Juntou letra por letra até sair um som engraçado da boca. Girou o galho no ar e apontou na direção de um paçu, um pássaro que carregava o ninho nas costas e se camuflava no topo dos cajueiros. Esperou, quase acreditando que poderia soltar um encanto apenas com a vontade.

Entre um silêncio e outro, ouviu uma voz calma. Afiou os ouvidos para entender melhor. Uma canção de ninar. Aproximou-se da outra ponta do açude e pôs os olhos sobre a dona da voz que cantava. Uma mulher, o reflexo crescendo cambaleante na água. Bastou um encontro de olhares para desconcertar o existir das coisas. Os dois corpos se tensionaram ao mesmo tempo. Francisca banhava uma criança, o pequeno Banzé — filho da vizinha, que aquela jovem tratava como um irmão mais novo. Protegia-

se debaixo da sombra de um cajueiro, onde pequenas mariposas tomavam a superfície das folhas. Trocavam o verde pelo amarelo dos olhos impressos nas asas. A voz de Francisca, como uma fagulha no escuro, parecia atrair o desejo e a ambição dos insetos.

Depois disso, foi questão de tempo. Todos os dias, Eusébio perambulava naquela beira, sentava-se encostado ao pé de um cajueiro e ouvia a figura do açude cantar. Ela, do outro lado, já esperava a visita do fiel espectador. Ele se aproximou dela aos poucos. Nos primeiros dias, levou apenas os ouvidos. Depois, uma saca de frutas colhida do quintal.

Foi Francisca quem ensinou Eusébio a amar e buscar beleza nas coisas. Não apenas isso; gostava sempre de falar sobre o mundo. Apontava para as ruas, as estradas e os desvios que as águas faziam até chegar nas casas.

— Se você for ver, nada disso aqui é natural. Um cano não é uma criatura viva, né? Zé, tudo é conquistado. Olha, se existe uma tubulação ali, é porque há pessoas... E é pelas pessoas que as cidades existem. Meu pai que me disse isso quando eu era bem pequenininha, lembro até hoje! Começava qualquer reunião dizendo sempre: somos o dobro do que achamos que um dia seríamos, mas ainda não somos metade do que podemos ser. No começo, também fiquei confusa, mas aí você vai entendendo, a vida vai te ensinando.

Tomado pelo sentimento, Eusébio, que pouco se interessava pelo regimento do mundo, ouvia tudo com desejo, tratando cada fala como poesia dita a céu aberto. Nunca esqueceu do dia em que Francisca contou a história do ano anterior, quando um entregador fora pisoteado por um corcel-d'água enquanto bebia água no rio durante o horário de trabalho. O entregador fora mandado embora, considerado incapaz de trabalhar. Somente após a união dos moradores e de manifestações, a pressão popular garantiu o amparo do sujeito. Foi quando tinham surgido os primeiros sindicatos e serviços de atendimento e controle de criaturas mágicas.

Entre conversas de amores, Francisca falava sobre como não existia liberdade perfeita que não pudesse ser alterada. Foi debaixo daquelas conversas que o pequeno Banzé cresceu. Foi o desamparo de Eusébio e a voz firme de Francisca — para falar do mundo — que inflamou o jovem a ponto de fazê-lo amar as primeiras palavras, a mudança e o movimento.

*

O desfile havia começado; as crianças vestiam becas, carregando o cajado na mão esquerda e o livro de couro na direita. Andavam iguais, os joelhos

levantados a cada passo. Sorriam. Da plateia, os disparos das câmeras anunciavam a presença de parentes orgulhosos. A cidade inteira tinha a permissão de se ocupar apenas do prestígio pelos pequenos feiticeiros. Era feriado, e os moradores lotavam a Praça de Nossa Senhora. Eusébio vinha atrás, com o pouco cabelo penteado, as pernas frágeis e o braço de Banzé servindo de apoio.

Refez o sorriso que ensaiara durante toda a vida. Viu que, além dos parentes dos meninos, havia na plateia tantos outros rostos — diferentes do esperado, mas familiares ao velho formando. Amigos do dominó, marisqueiras, feirantes. Homens e mulheres idosos, pessoas que podiam se ver refletidas na alegria de Eusébio. Sorriam com o mesmo riso largo. Quando viam passar aquele homem encurvado, gritavam:

— Olha o nosso Zezé!

— Dá um tchauzinho, Zé!

Ele levantou a mão, que tremia. Sorriu amarelo. Por impulso, buscou naqueles rostos a presença de Francisca. A caminhada terminou debaixo do monumento de Serena, representada por uma grande sereia talhada em mármore. A cauda se enroscava ao redor do baobá, estendendo-se ao longo da árvore. A estátua, por maior que fosse, não chegava aos galhos.

Ali debaixo, a Grande Madre esperava. Era uma mulher alta, do tamanho de quatro pessoas, vestida com um manto roxo. Os dedos finos que se projetavam como longas garras pediram silêncio. Era chegado o momento. Eusébio sentiu a bexiga frágil vacilar. Sentia medo, felicidade, tristeza, luto, esperança. Sentia mais do que cabia em seu pequeno corpo. Sentia tudo.

O recém-eleito prefeito de Ponta Serena foi o primeiro a discursar. Mirrado e desengonçado, demorou a se desenrolar do fio do microfone, que quase o levou ao chão. Superando o imprevisto, tornou a saudar os formandos e a alegria de ter aquelas crianças como bastiões de um futuro melhor. O resto Eusébio não conseguiu ouvir. Menos pela distância, mais pela inquietude.

A primeira aluna foi chamada. Amélia, uma menina de braços largos e sorriso forte. Abriu o grimório na página onde havia escrito seu feitiço original. Tremia. Ainda assim, acenou para os pais e confirmou que estava pronta ao se dirigir à Madre. A plateia se calou. Amélia meneou o cajado acima da cabeça, as fissuras da madeira reluzindo. Aconteceu rápido: as folhas se desgarraram das árvores menores, serpentearam ao vento e caíram juntas no chão. Do monte de folhas, nasceu a forma de um corcel verde. Amélia, confiante, fez o animal caminhar pela praça, elegante e resistente. Aplausos estouraram ao seu redor.

Seguiram a ordem alfabética, mas não chamaram Eusébio até que todos os jovens já houvessem se apresentado. O velho aprendiz era a turma de um homem só, uma cadeira cheia de vontade em uma sala vazia. Depois dos aplausos gastos, chamaram Eusébio. O som se perdeu no caminho — ou, se chegou, o velho não conseguiu escutar. Foi preciso que Banzé o olhasse, sorrisse e dissesse:

— Vamos? Chegou a hora.

*

Eusébio sempre fugia daquele feriado. Para que a vontade não doesse, costumava ir para longe, fora do alcance do som da banda marcial, dos aplausos, dos discursos e dos fogos de artifício. Durante os primeiros três anos de relacionamento, tinha conseguido esconder o segredo de Francisca. Toda vez, chamava a esposa para andar pelos açudes e se afastar do centro. Francisca, que gostava de gastar a sola das sandálias perambulando pelo mundo, nunca recusava a oferta de se afastar do barulho. Mas a desconfiança ficava nítida cada vez que Eusébio olhava triste para os fogos de artifício. Algo dentro daquele homem morria, ou vivia demais, pois a maneira como o corpo se curvava para dentro e os olhos tristes saltavam para fora não era comum.

Quando se ama, o tempo amolece, escorre. Mais dois anos se passaram até que o assunto viesse à tona. Não teve jeito. Francisca, decidida, convenceu Eusébio a assistir à formatura ao menos uma vez. Da plateia, Eusébio reviu as fardas, os cajados e a vontade. Na feira que se formava ao redor, compraram doces e pipoca. Mesmo na tristeza, Eusébio sorriu. Sorriu porque gostava de ver os encantos nascendo de um pedaço de madeira e das vozes trêmulas que os invocavam.

Debaixo dos estouros dos fogos, Eusébio se apaixonou pela segunda vez. Dividiu com Francisca o que guardava dos olhos do mundo, uma esperança envergonhada. Ser pego brincando de sonhar.

— Fran... Eu quero nosso filho ali, quando a gente tiver um.

Mas o filho nunca veio. Virou sonho. Uma palavra jogada. Uma miragem que o tempo levou. Eusébio entendeu que sonho, sem corpo, é delírio. No passar dos anos, a promessa minguou. Uma ferida que nunca foi dita em palavra, mas abreviada na chegada do silêncio.

Francisca se foi como viera ao mundo: cantando. Pequena em uma terra larga. Para Eusébio, restou a falta daquela cadeira no canto da cozinha e a passagem das mariposas pela manhã. Francisca deixou cheiro e palavras. Até o dia em que Banzé apareceu na porta com o pedaço de

jornal, Eusébio fugiu das conversas sobre o mundo, a política e o destino das coisas. Nada mudaria; mesmo que mudasse, sentia que o próprio tempo já estava acabando. O mundo poderia capotar, mas nada seria diferente para o pequeno menino que esqueceu os sonhos e a mão na terra.

*

Os olhos da Madre eram um abismo. Escuros, abertos. Devoraram as coisas na mesma velocidade com que podiam falar, gritar e acolher. Ainda assim, Eusébio se sentia confortável. Fora com ela que passara as noites na sala de aula, na única cadeira ocupada. Fora ela que, com toda a paciência do mundo, fizera-o segurar a caneta e inundar o velho caderno de garranchos.

A Madre o fizera escrever o mundo.

Quando Banzé o soltou, Eusébio caminhou devagar sob os olhares atentos da plateia. Sabia que nem todos ali eram a favor da formação dele. Afinal, um idoso não tinha muito tempo de vida pela frente, diziam, então não poderia mais ser útil à sociedade. Banzé era sempre ríspido nas respostas — respondia que viver não era ser útil, era existir. Cidades precisavam ser úteis porque eram feitas para as pessoas, e era para isso que existiam. Pessoas deviam ser úteis apenas para outras, e havia milhões de jeitos de se fazer isso que não fosse servindo ou trabalhando até o último dia de vida. Era o mesmo discurso que usava para lutar por aposentadorias cada vez mais justas, que garantissem alguma qualidade de vida àqueles que não podiam mais continuar.

Ao olhar para os amigos, vendo-os inspirados pela caminhada, Eusébio se sentiu útil. Não por servir, mas por inspirar um novo futuro. Daria tudo para ver como seria a próxima turma da noite.

Ao notar que as mãos de Eusébio não sustentavam o grimório com firmeza, a Madre estendeu as próprias. Sustentou o livro para que o homem pudesse ler o que havia escrito. O velho tirou os óculos do bolso, deixando o rosto engraçado. Passeou o dedo esguio pelas rasuras, a folha funda e riscada. Na plateia, ninguém respirava. Com a pouca força que tinha, Eusébio levantou o cajado e recitou algumas palavras confusas, entrecortadas pela falta de fôlego.

Depois, calou-se.

As pessoas ficaram esperando, mas nada aconteceu. Eusébio fechou o livro e desceu o cajado. O tempo correu seco; o silêncio sufocava. Segundos depois, deu-se início aos cochichos.

Deu errado?

Ele não conseguiu?

Rá! Sabia que isso ia acontecer.

No meio do burburinho, Eusébio tirou os óculos e os guardou no bolso. Naquele breve momento, lembrou-se perfeitamente da canção que Francisca entoava à beira do açude. Quando viu, já trazia na boca seca a melodia. Banzé, ainda por perto, reconheceu a música. Por isso, chorou.

Dos olhos de Eusébio, também vieram as lágrimas. Nasciam transparentes, tornavam-se amarelas. De longe, dava para ver o rosto do velho. Duas velas acesas debaixo das sobranceiras das quais escorria a cera grossa. Pesava ao cair na terra, cada lágrima como uma semente que cavava fundo. A poça rompeu o silêncio, quase borbulhou. De cada gota que caiu no chão, saltou uma mariposa. Batiam as asas, livrando-se da cera, presas na lama. Depois, voavam em liberdade. A pele do velho ficou marcada, saltada em alto relevo. A pele enrugada se desmanchou e, de Eusébio, nada sobrou além de uma nuvem dos pequenos insetos cheios de cor. Olhos amarelos nas costas.

O espanto só se dissipou da plateia quando as mariposas seguiram todas o mesmo caminho. Pousaram sobre a árvore de Nossa Senhora, o velho baobá. Cada uma cobriu uma folha. As asas abertas formavam um enxame de mil olhos. O público olhava, e a árvore o olhava de volta.

Naquela manhã, Eusébio chorou por mil olhos, sentiu por mil peitos, amou por mil carnes. Foi, espalhado pela árvore de mil olhos que lembrou de Francisca, e, vendo como as pessoas aplaudiam, entendeu o que era aquele movimento que a esposa tanto amava — talvez o mesmo do que o pai tinha medo. Foi ali que o velho aprendiz sentiu como as coisas sempre mudavam. Um terremoto de lábios mudos, movendo-se debaixo dos pés. Recitou para si mesmo: *sou o dobro do que era, mas metade do que posso ser.*



Dias de balbúrdia e rebelião em Vilerma

Renan Bernardo

cerca de 6.000 palavras

Edição: Letícia Werner
Preparação: Diogo Ramos
e Jana Bianchi
Revisão: Ian M. M. Duarte

Ilustração: Larissa Usuki

É ELA QUE vem lá, é, sim. Na única estrada que leva a Vilerma. Jovaldir sai do estábulo secando o suor da testa, a mão acariciando o garanhão recém-selado. Cócegas e Coceira param de jogar dados — veja bem, para esses meninos pararem qualquer jogo, algo muito importante está prestes a acontecer. Encaram boquiabertos a figura que se aproxima, meio tremulante no mormaço dos Vastos Cerrados.

Na torre de vigia da paliçada, Carombé remove o elmo, desrespeitando as regras da caserna. Cerra os olhos para a mancha cinzenta no horizonte. Já ouviu histórias sobre a mulher, mas nunca achou que fossem verdade. O povo quando enche a pança de cachaça conta cada coisa! Mas uma viajante solitária chegando em Vilerma? Só pode ser ela. Mensageiros dos vilarejos mais próximos já haviam avisado que ela estava vagando por aí. Andarilha, errante, feiticeira... A vó de Carombé dizia que a mulher trazia coisas boas, mas ninguém nunca soube precisar de que tipo. Uma vendedora de artigos de luxo? De repente daqueles blocos de gelo que alguns povos usam para se refrescar... O que mais dizem é que ela constrói casas, mas sozinha? O capitão Gridenaldo diz o contrário da maioria: a caminhante traz caos, discórdia e revolta.

Mas é mesmo ela. É, sim. A palavra corre rápido por Vilerma, pipocando entre ocas, casebres e moradas de pedra, cruzando o riacho,

batendo nos clérigos e quicando em qualquer canto que tenha cachaça. É aí que as novas disparam rápido. Já tem gente gritando, veja bem. Gente empolgada, gente furiosa, mas todo mundo está um pouco confuso, que nem Jovaldir e Carombé. Lá vai a notícia. Boca, ouvido, boca, ouvido. É ela. Só pode ser. Toda a cidade logo estará sabendo da visita.

Num era lenda essa mulher?

O primeiro a vê-la de perto deveria ser um dos guardas de Vilerma, cujo trabalho é tomar conta da cidade, afinal. Mas quem consegue ser mais rápido que duas crianças eufóricas?

— É a Orientadora — diz Cócegas, correndo, as calças largas chicoteando o ar, os cachos voando ao vento. — Tá com capuz, roupa cinza. Tem que ver o rosto! Dizem que pelo rosto dá pra saber.

— É ela nada — reclama Coceira, sempre um pouco para trás. Pelo menos correr alivia as brotoejas. — Deve ser só uma mercadora querendo vender especiarias!

— Tô falando! — Cócegas começa a ofegar, mas não para de correr. — É a Orientadora! Ela traz presentes, seu tapado. Se a gente chegar primeiro, a gente pega os melhores.

Cócegas dispara adiante. Coceira dá uma acelerada, parcialmente convencido pela possibilidade de presentes, os tornozelos arranhando nos arbustos rebeldes da estrada de terra.

— Moleques! — Lá vem Gridenaldo, o capitão da guarda de Vilerma, cavalgando e cortando por entre os dois meninos. — Voltem agora mesmo. Tudo que tem aqui fora é perigoso. Vocês querem uns tabefes?

— Vamos voltar, sim, seu capitão — diz Coceira.

Os irmãos param e dão meia-volta, mas se ajoelham atrás de alguns arbustos para observar.

E é ela mesmo, no fim das contas. A Orientadora. Quando um povo sabe, ele sabe. As manchas despigmentadas na pele negra, ao redor da boca e do nariz da viajante, são provas suficientes de que estão diante da famigerada portaleira de Eriná: a Orientadora. E é na boca do povo, mais uma vez, que se descobre o que ela significa.

Quem espera caos e desordem faz uma carranca. Quem pensa que ela traz esperança, sorri.

*

Óbvio que lhe dariam o quarto mais emporcalhado na pousada mais decadente de Vilerma. Anatélia não esperava mais que isso. Cabia só uma

cama, uma mesinha e um buraco na parede para os ratos. Para o cheiro de lodo e latrina, tinha espaço de sobra.

O tal capitão da Guarda, Gridenaldo, é um homem ríspido que fala cuspidando. As crianças, por outro lado, são uns amorzinhos. Duas a seguiram o tempo todo enquanto Gridenaldo a guiava para a pousada. Pensavam estar se escondendo com maestria atrás de barris e das caixas dos mercadores na Praça do Meio, mas foi fácil distingui-las pelos olhões curiosos.

Anatélia se senta na cama e abaixa o capuz. Abre a túnica e puxa um giz de cera.

O giz brilha suave, indeciso entre um tom de diamante e um amarelo-clarinho. Repousa-o na mesinha — bamba, óbvio — e abre o mapa. Já esteve em oito cidadezinhas dos Vastos Cerrados. Faltam muitas ainda. *Cada dia surge um vilarejo novo nos Cerrados com algum salafatório se proclamando monarca*, dizem na Grande Universidade de Eriná. Mas Vilerma é especial para Anatélia. O rei é pai dela. Isso deveria tornar tudo mais fácil, mas Anatélia espera o contrário. Edelundo não gosta do que Anatélia faz. Até onde ela sabe, o pai é bastante crítico a tudo que tem relação com Eriná. Inclusive a própria filha.

Mas não importa. Anatélia se levanta, enrola o mapa e guarda o giz. Seu trabalho nunca começa nos monarcas, e sim nas crianças. Após comer, beber uma dosezinha de pinga e esperar o anoitecer, Anatélia terá dois rapazolas para encontrar.

*

Anatélia não conhece Vilerma. Caminha pelas ruelas flanqueadas pela salada de choupanas, ocas e casebres de madeira e palha. Estes se misturam aos casarões que mais remetem a pedregulhos grosseiros, onde vivem os supostos nobres, clérigos, magistrados e soldados que se aglutinam ao redor do rei em troca de favores. A iluminação é precária, meras tochas arranjadas em alguns pontos das ruas. Aqui e ali, um ambulante passa oferecendo carne de esquilo, quinquilharias ou noites inesquecíveis.

O pai de Anatélia se tornou rei de Vilerma através do abuso, como todos os monarcas. Quando ela tinha doze anos, a mãe já a havia levado para longe de Edelundo. Pouco depois, o pai conquistou Vilerma. Pilhou, matou, expulsou gente. Teve fogo, briga, fugas... Anatélia se lembra das notícias que os mensageiros não paravam de trazer. Ficava bastante assustada com tudo que aprendia a contragosto enquanto pintava ou

escrevia nos pergaminhos que a mãe lhe dava. Fingia concentração enquanto a mulher chorava, absorvendo as novidades. Aquele era o novo mundo do pai. Veja bem, Edelundo não se achava um homem mau — gente assim nunca se acha —, mas dizia que só era possível alcançar o bem por meio do rigor. Até começar a cursar portalogia, filosofia e matemática na Grande Universidade de Eriná, Anatélia achava que o pai fosse voltar. Mas, em suas aulas de história, aprendeu que muitas vezes a paixão pelo poder é prevalecente.

Ah, o Jardim dos Buritis. Lugarzinho vazio atrás de uma fileira de casarões. O local perfeito para ser encontrada por crianças bisbilhoteiras. Anatélia se senta em um banquinho com o intuito de aguardar, mas não precisa esperar muito.

— Vai você primeiro — alguém sussurra de trás de um dos poucos buritis que Vilerma consegue manter vivo.

— Não, eu não sou bom em falar — diz outra criança. — E olha minhas brotoejas. Ela vai se assustar.

— E eu tô sujo. Pisei no lamaçal ali perto da feira.

— Eu também!

— Mas você já tem as brotoejas. Juntando tudo, ninguém nota que tem algo errado.

— Vai se ferrar, Cócegas.

— Não me empurra.

— Não fui eu, foi meu braço.

Anatélia se levanta e fala alto:

— Quem vier primeiro vai ganhar um...

Os dois garotos se aproximam correndo. Param diante dela, boquiabertos e atabalhoados, tropeçando nos próprios pés. Têm por volta de doze anos, cabelos encaracolados e desgrenhados.

— Eu nem disse o que vocês iam ganhar. — Anatélia ri.

— Não te falei das manchas? — cochicha um deles, o tal Cócegas, dando cotoveladas no parceiro. — Oi, moça.

— Isso aqui? — diz Anatélia, passando as mãos ao redor da boca e nas bochechas. — A gente chama de vitiligo na Universidade.

— Universidade? Falei que ela mexe com bruxaria! — Coceira cochicha no ouvido do amigo. — Vambora daqui.

— Bruxaria, é? — Não é a primeira vez que Anatélia escuta alguém a chamar assim. Nunca se incomodou. Até hoje, todas as bruxas que conheceu eram pessoas corretíssimas. — Pode chamar assim se quiser.

— É o rapaz que faz comida pra gente que fala — diz Coceira. — Ele também trabalha coletando o tributo pro Grande Rei e Divindade Terrena

de Vilerma, mas a gente não precisa pagar porque é da rua.

Anatélia tem um acesso de riso.

— Vocês chamam ele assim o tempo todo?

— É costume — diz Cócegas. — Se Gridenaldo souber que a gente não chama o rei assim, bate com a espada embainhada na nossa canela.

O riso murcha rapidamente. Se cavucar um pouquinho, sempre dá para encontrar algum abuso nessas cidades. Mas não é hora de desânimo. Isso não vai acabar da noite para o dia. Nem mesmo depois que ela concluir seu trabalho. Mas um dia... Ah, um dia...

— Vocês sabem o que faço? — Anatélia se aproxima. Os dois se encolhem diante dos quase dois metros de altura da Orientadora. Para eles, ela deve parecer uma gigante. Coceira agarra a mão de Cócegas. Anatélia puxa o giz de dentro da túnica. — Sabem por que eu vim?

— É a varinha — Coceira sussurra para o amigo. — Meio pequena, mas poderosa.

— Isso é um giz, seu bobo — diz Anatélia, sacudindo o cotoco.

— Giz? — Cócegas coça a cabeça. — O que é isso?

— Um instrumento de ensino.

— Tipo os chicotes que os clérigos usam pra ensinar no Templo de Vilerma? — diz Cócegas. — Eles dizem que a gente deve apanhar de chicote se não deixar oferendas pros deuses. Coceira já tomou uma chibatada no pé.

— Sim, sim — Coceira assente. — Os deuses aqui gostam de comida, mas preferem moedas! Acho que elas duram mais tempo.

Anatélia bufa. Os garotos se encolhem de novo.

— Venham comigo — diz. Meio relutantes, os dois sussurram entre si, mas decidem segui-la. — A propósito, como vocês se chamam?

— Eu sou o Cócegas. Ele é o Coceira.

— E o nome de verdade de vocês?

Os dois franzem a testa.

— São esses, tia — diz Coceira. — Foi Gridenaldo que deu esses nomes pra gente quando a gente fez uns sete ou oito anos.

Em Eriná, os clérigos tinham outra função. Em vez de ficarem cuspiendo baboseiras sobre deuses e extorquindo o povo, caminhavam com as mantas azuladas pela Grande Metrópole, informando-se sobre nascimentos e a chegada de migrantes. Aconselhavam que todas as crianças fossem propriamente registradas no Arquivo do Povo de Eriná.

O trio chega a um descampado perto de uma das entradas de Vilerma, mas ainda longe dos olhos dos vigias fuxiqueiros do pai de Anatélia. Ali

tem um espaço bom para trabalhar. Ela se vira para os dois e os segura firme pelos ombros. Ambos estremecem.

— Vocês vão ver... coisas. Fiquem tranquilos. Podem confiar em mim.

— Toda bruxa fala isso — diz Coceira.

— Estereótipos — diz Anatélia. — Uma boa primeira lição para vocês.

Cócegas morde os lábios e aperta a mão do amigo. É normal as pessoas ficarem com medo no início, mas logo se acostumam.

Anatélia se aproxima de um muro inacabado, que parece uma tentativa fracassada de erguer uma muralha. Começa a traçar um círculo com o giz. Abrir portais demanda enxergar ou conhecer previamente o outro lado, em qualquer mundo que seja. Fecha os olhos. A mente transita para Noldarolândia. Anatélia recorda os detalhes do sítio dos dois amigos. Fecha o círculo. Uma massa gelatinosa borbulha em verde e castanho dentro da fronteira. Quase uma sopa de vegetais. Portal aberto.

As cabeças de Teteléquio e Fuzequim surgem de dentro dele, com olhos esmeraldinos enormes, curiosos e cautelosos.

— Opa, opa, amada Télia! — brada Fuzequim, as orelhinhas sacudindo freneticamente. Os olhos cintilam na noite enluarada de Vilerma como dois abajures conscientes. — Uma multiplicação de beijos para a senhora!

Anatélia sorri e sopra três beijos para o capívaro. Ele e o companheiro cruzam o portal.

— Estava mergulhado em uma soneca tão revigorante — diz Teteléquio. Suas orelhas são curtas, como as de Fuzequim, mas o tronco peludo é tatuado com centenas de nomes de parentes. Capívaros são seres de pouco mais de um metro de altura e inteligência ímpar, normalmente muito peludos e com faces protuberantes.

— Você vai ter tempo para dormir depois — diz Anatélia. — Esses são meus novos amigos, Cócegas e Coceira. Meninos, esses dois trabalham comigo.

— Capívaros existem mesmo? — Coceira está embasbacado.

Os dois confiam nela: sentam-se de pernas cruzadas, como crianças curiosas em um teatro de rua.

— Em vários mundos — diz Anatélia. — Embora não tenha muitos sobrando neste aqui. E se dependesse de reis e capitães, não teria nenhum.

Teteléquio e Fuzequim passam pelo portal novamente, e as covinhas de decepção no rosto dos meninos são imperdíveis. Contudo, em poucos segundos, os dois saem mais uma vez. O espetáculo está prestes a começar. Acostumada, Anatélia se senta ao lado dos meninos e aguarda.

Primeiro, os capívaros trazem paredes, que montam habilidosamente ao redor do espaço onde estão, englobando até mesmo as ruínas do muro. São rápidos ao fazer buracos na madeira, mas os talham com cuidado para os transformar em janelas. Depois, tábuas para o piso. Cócegas, Coceira e Anatélia saltitam de um canto para o outro enquanto os capívaros colocam a estrutura no lugar com marretas e serrotes. Depois vêm estantes, armários, lamparinas e castiçais. Alguns itens são provenientes de reinos que Anatélia não conhece, outros vêm da própria Eriná. Com uma pederneira, os capívaros somam a luz alaranjada das chamas ao esverdeado do portal. Teteléquio traz a lousa e a pendura na parede oposta ao muro. As crianças se viram para acompanhar o trabalho. Por fim, Fuzequim chega com um carrinho cheio de livros, as rodas deslizando sem rumo no piso recém-tratado com cera. Teteléquio controla o veículo desgovernado e começa a entulhar as estantes com filosofia, matemática, astronomia, ética, alquimia, línguas, teatro e artes. Como ela sempre pede, os dois deixam algumas prateleiras vazias para que os cidadãos preencham com seus próprios escritos. Em vinte minutos, a sala está finalizada.

— Isso é o que Gridenaldo chama de Antro de Rebelião, não é? — diz Cócegas. — O capitão sempre falou que a Orientadora construía esses Antros nos lugares onde ela passa semeando morte e destruição. Mas não parece que tem a ver com morte, não, tia. Não como os moços sem cabeça que o capitão joga no riacho.

— Isso é uma sala de aula, Cócegas — diz Anatélia. — Temos várias em Eriná.

— Ah, a Cidade da Perdição. — Cócegas assente, o apelido da cidade na ponta da língua. — Gridenaldo fala bastante dela nas tavernas. Diz que todo mundo que vem de lá é mau.

Anatélia sacode a cabeça, encarando Teteléquio e Fuzequim, que já ouviram muitas coisas nas longas vidas, mas continuam franzindo o cenho peludo quando escutam baboseiras.

— Vocês podem ficar por aqui se quiserem. Teteléquio é professor de ciências matemáticas, naturais, geometria e engenharia. Fuzequim é de história dos mundos, filosofia, ética e portalogia avançada. Eles podem ensinar algumas coisas para vocês ainda hoje.

— Capívaros não são todos trambiqueiros? — pergunta Coceira.

— Ah, sim. — Anatélia estala os dedos. — Fuzequim, a primeira aula pode ser sobre estereótipos.

— Garotinhos de Vilerma não são todos feiosos? — diz Fuzequim, inclinando-se em direção aos dois meninos, que ficam emburrados de

imediatamente. Fuzequim abre um sorriso para Anatélia. — Talvez eles tenham entendido o básico, mas vou explicar.

— O que é matemática? — diz Coceira, levantando a mão.

— Só esse nome que você não conhece? — diz Cócegas, confuso.

— Vocês vão aprender, queridos. — Anatélia sorri e se vira para os capivaros. — Só mais uma coisa: fiquem de olho nos arredores. Tenho assuntos a tratar antes de o sol nascer.

*

Sempre de madrugada. É a hora em que Edelundo conta o que coletou no dia, a hora em que agradece aos deuses. É no silêncio, sozinho no quarto, sem os músculos da guarda ou as vozes incessantes dos clérigos, que o autoproclamado rei de Vilerma percebe o quão frágil é. Anatélia sabe disso tudo de antemão. Nada como pagar umas pingas para uns vigias da cidade.

Ela se concentra em uma varanda vazia do “castelo” de Edelundo — um casarão de três andares, não tão melhor que as outras construções de Vilerma. Desenha um portal no gramado, e ele se abre para a varanda. Salta rápido pela gosma esverdeada antes que alguém note a iluminação dissidente. O portal se fecha atrás dela. Com vista para o quarto do pai, Anatélia abre outra passagem. Seu coração bate descompassado. Da última vez que o viu, ela estava em um cavalo com a mãe na fronteira entre os Vastos Cerrados e a Mata das Araucárias enquanto o pai gritava que as duas não eram corajosas o suficiente para abandoná-lo.

Anatélia cruza o portal.

O pai está debruçado sobre um livro que ela sabe não conter história alguma. A leitura não apetece Edelundo. Provavelmente, um registro de extorsões batizadas de impostos e tributos.

— Já tirou muito do padeiro hoje? — diz Anatélia, a voz retumbando no quarto silencioso.

Edelundo dá um gemido, salta da cadeira e puxa o punhal da cintura. O vitiligo é quase o desenho de uma labareda nos punhos e nas mãos. As mesmas que deram comida na boca dela tantas vezes. Que a seguraram no colo. Que ajeitaram o cabelo da filha atrás da orelha enquanto o pai prometia que a protegeria. Por um instante anômalo, Anatélia esquece de tudo de ruim que ele já fez.

— Minha filhinha — diz Edelundo, repousando a arma na mesa e fechando os olhos.

O lugar fede a comida estragada e ferrugem. Anatélia se lembra do pai juntando espadas, flechas e lanças, gritando com a esposa e se vangloriando por estar montando uma companhia de aventureiros. Chegava em casa fedendo a ferrugem e com a roupa puída manchada de sujeira das velharias que pechinchava com mercadores de estrada. Gastava nelas as poucas moedas que a família tinha para comer dignamente.

— Vossa Majestade — diz Anatélia, cheia de escárnio. — Estou vindo aqui para avisar que o povo de Vilerma talvez mude um pouco.

Edelundo sacode a cabeça, as linhas da boca enrijecendo em meio à barba por fazer. Veste uma camisa com imitações de filigranas de ouro e um brasão costurado às pressas no lado direito.

— Os modos de Eriná — diz Edelundo. — A Grande Metrópole impondo seu jeito de viver aos reinos pacíficos dos Vastos Cerrados. O que mais eu poderia esperar de você? Eu falava para a sua mãe que a Universidade era a ruína de nossas terras e modos. Ela não me dava ouvidos.

— Não estou impondo nada — diz Anatélia, incomodada. O assunto a transtorna vez ou outra. De fato, Eriná tenta impor sua cultura a povos vizinhos, mas a portaleira não está visitando os reinos dos Vastos Cerrados às ordens de Eriná.

— O que faço aqui é ideia minha — diz mais para si do que para o pai. — Poucos se importam com os Vastos Cerrados.

— E você se importa por quê? — Edelundo dá de ombros.

— Para um dia tentar acabar com as guerras infindas, as conquistas territoriais e todas as monarquias que exploram o povo dos Cerrados. E... — Ela engole em seco.

No fundo, isso é parte de seu objetivo, mas o que realmente importa são as oportunidades que as salas dão às pessoas desses lugares. Não admite isso para o pai. Sabe que ele vai rir.

— E o rei de Eriná vai ser um rei supremo, então? — Edelundo engrossa a voz, preenchendo-a com zombaria e raiva. — Governando a todos com mão de ferro, justo e benevolente?

— Eriná não vai governar nada, e Eriná não tem mais rei.

— E quem governa a Grande Metrópole? — Edelundo franze o cenho. — Professores?

— O povo escolhe. Pode ser qualquer pessoa.

Edelundo gargalha. Não é tão diferente da reação de quem costuma ouvir sobre a nova forma de governo de Eriná.

— Por que veio aqui, minha filha? — diz Edelundo, sentando-se. A cadeira range. — Estou bastante ocupado com... contabilidade? É assim

que chamam na Universidade?

É o tom de voz. Sempre foi, e apenas agora Anatélia percebe. É o tom de voz de Edelundo que diferencia o monarca saqueador do pai cansado. Por um instante, o peito de Anatélia se enche com um ardor, uma saudade, a vontade de chacoalhar o homem sentado diante do livro até que saiam dele os momentos agradáveis que tiveram juntos. Não consegue recordar muitos... Uma corrida de pônei, em que o pai lhe ajudou a montar. Um campeonato de arco e flecha, um dedo cortado, beijinhos e piadinhas de um homem que acabaria dedicando seu tempo ao saque e à guerra. Risadas gostosas dele e da mãe de Anatélia, entrelaçando-se em uma noite estrelada enquanto a garotinha brincava com bonecos de madeira.

— Pai... — Ela acha justo chamá-lo assim. Por um segundo, Edelundo levanta a cabeça e arregala os olhos. Mas segundos voam. — Não interfira no que vim fazer. Se tem algum carinho por seu povo, deixe que ele decida.

— Eu não vou interferir... — diz Edelundo, voltando a atenção aos documentos. — Mas tem gente que talvez não goste, não importa o que eu ordene.

Gridenaldo. O capitão é mais que um subordinado do rei em Vilerma. Nesse tipo de relação, certas pessoas sabem se aproveitar do poder. Sem a influência que Gridenaldo tem nas ruas, o pai da Orientadora não é nada.

— Filha... — Edelundo a chama sem tirar os olhos dos documentos, deslizando o dedo por uma lista de números. — Eu sei seus próximos passos. Você vai encher minha cidade de portais e fazer aquelas duas criaturas construírem esses Antros de Rebelião por todo canto, não é?

Anatélia respira fundo.

— E, em algum momento, eu vou ser enforcado — complementa ele.

A verdade nas palavras a fazem estremecer enquanto desenha um portal na parede do quarto.

*

Na manhã seguinte, o cheiro de queimado a desperta. Anatélia se senta na cama e passa a mão pelo cabelo, desembaraçando as mechas. Esperava-se alguma retaliação.

Ao chegar no descampado, vê a construção de Teteléquio e Fuzequim ardendo em chamas, a fumaça subindo provocativa em direção ao céu sem nuvens. Dois lanceiros riem diante das labaredas. Um deles cutuca um livro chamuscado com o pé. Anatélia o reconhece pela lombada. *Os direitos de todas as criaturas*, de Tupixá Naulir.

— Perdemos duas crianças por sua causa, forasteira. — A voz vem de trás.

Anatélia se vira, paciente, já se preparando para o bafo de túmulo do capitão da guarda.

Ela trinca os dentes e enfia a mão dentro da túnica, tocando o giz. Portaleiros já foram usados como carrascos no passado, fechando portais no pescoço de condenados. Por segundos, deixa a ira a perpassar. Por sorte, segundos voam.

— Vilerma não provará da rebelião, Orientadora. Vá embora.

Ela se vira e se afasta das ruínas da primeira sala de aula de Vilerma.

*

O alívio se traduz em uma pontada na barriga quando encontra Cócegas e Coceira na estradinha que leva até o portão leste.

— Télia, Télia! — É Coceira, falando rápido como de costume. O sorriso que estampa o rosto dos meninos a leva às lágrimas. Esfrega os olhos. — Você não vai acreditar no que a gente viu, não vai não, os capangas do Capitão vieram correndo com tochas, a gente tava lá dentro, aí...

— Desacelerai, rapaz — diz Teteléquio. Os dois capivaros se unem ao grupo, saindo de uma oca. — Pareces uma função exponencial.

Coceira ri, ofegante. Cócegas toma as rédeas do irmão.

— Tio Teté e tio Fuzi se meteram numa enrascada. Acho que a gente precisa dar aula pra eles sobre como andar em Vilerma!

Coceira gargalha.

— A gente viu os homens do capitão antes — diz ele — e levou tio Teté e tio Fuzi pelos bueiros. Bem na hora que tio Fuzi tava explicando como nascem os reis.

— Os rapazes têm vasto conhecimento desses portais na terra — diz Fuzequim, apontando com o queixo para um bueiro destampado.

Anatélia se ajoelha e abraça os dois meninos. Afeiçãoar-se com facilidade costuma ser um problema em sua missão, mas jamais pretendeu abandonar esse traço de sua personalidade.

— Gente... — Anatélia se levanta. Morde os lábios. — Gridenaldo não vai parar. Vocês vão construir e ele vai destruir.

— Falaste com o rei? — pergunta Teteléquio. — Já estamos com doze salas montadas.

— Não foi o rei que ordenou a destruição da primeira sala. Ele apenas não gosta de contrariar o capitão... Você disse *doze*?

Teteléquio assente, orgulhoso. Os dois capívaros sempre foram velozes. É da natureza deles, mas também sabem que, quanto mais rápido o povo conhece a proposta da Orientadora, mais tentado a proteger as salas fica.

— Criamos algumas em porões — diz Fuzequim. — No telhado de casas também. Até em cima de uma árvore. São pequenas, mas já equipadas.

— A gente pode ajudar! — diz Cócegas, saltitando. — Gridenaldo sempre põe a gente pra trabalhar! Anteontem mesmo eu carreguei dezoito caixas de laranja. Olha!

Ele exhibe os antebraços ralados como símbolos de orgulho.

— Não! — diz Anatélia, sacudindo a cabeça.

— Não! — Teteléquio para ao lado dela.

— Não! — ecoa Fuzequim.

— A gente é forte! — proclama Coceira.

— Batam de porta em porta — diz Anatélia. — Convidem as pessoas em que confiam. Gente forte também. Falem para irem às salas. E peçam que tragam coisas de que gostam ou que tenham feito. Pergaminhos, desenhos, instrumentos musicais, orações, tradições orais... Menos armas.

— E se o povo não quiser? — Cócegas dá de ombros. — Já vi gente que se assusta com livros.

— Não force ninguém a ir, querido. Teteléquio e Fuzequim vão ajudar.

Os dois capívaros e os dois rapazes partem pela estrada de terra. Dias antes de deixá-la sozinha com a mãe, o pai de Anatélia contara sobre glórias e conquistas, dizendo que traria uma revolução para os Vastos Cerrados. Teria um reino só dele, dissera, para que pudesse dar ao povo alegria e prosperidade. Em seus devaneios, Edelundo prometera o fim da fome e da miséria, sem se dar conta que precisava exterminar a miséria de sua alma e sua fome de glória primeiro. A mãe da portaleira sabia disso e, por isso, decidiu deixá-lo.

*

— Destruam as ocupações ilegais! Ordens do rei! — Gridenaldo grita de um palanque na Praça do Meio, para um povo incerto e confuso. — Martelos e marretas por conta do Grande Rei e Divindade Terrena de Vilerma! Quem obedecer leva para casa uma moeda de prata!

Escondida na multidão com o capuz sobre o rosto, Anatélia observa a movimentação do povo. A promessa da moeda é perigosa porque carrega consigo a de glória — e, mais que isso, a de pão fresco na mesa.

Gridenaldo desce do palanque e ordena que um homem traga a carruagem cheia de ferramentas enferrujadas. Passaram-se cinco horas desde que viu os amigos pela última vez. Pelas suas contas, a cidade já deve estar salpicada com pelo menos cinquenta salas, camufladas ou escancaradas, mas todas partes de Vilerma.

Infelizmente, parte do povo na praça abraça a promessa de Gridenaldo. Homens e mulheres — e até crianças — pegam as armas decadentes e se espalham pela cidade. Isso só pode terminar em matança. Em outras empreitadas, Anatélia não encontrou capitães tão eficazes em esmagar a vontade do povo usando o próprio povo. Também nunca encontrou duas crianças tão empolgadas. Anatélia está certa de que ambas conquistaram os corações molengas de Teteléquio e Fuzequim, o que os levou a pular momentos de descanso para agradecer os irmãos e espalhar as salas de forma especialmente ligeira.

Anatélia dispara pelas ruelas de Vilerma. Desenha portais em muros, com destino ao País das Vacas Douradas. Em vez da sopa luminosa, decide revelar o que há do outro lado. Imediatamente, surge uma praia salpicada por palmeiras com braços. Embaixo das árvores, montes de moedas de ouro brilham com os feixes dos três sóis daquele mundo. Anatélia se esconde em um casebre abandonado enquanto quatro grupos disparam para o País das Vacas Douradas. Assim que entram, o portal se fecha. Ela os deixará lá por algumas horas, até que percebam que aquele ouro se transforma em leite. Mas o truque não será suficiente para lidar com todos.

Ruas adiante, uma gritaria e o som de aço se chocando com aço empestia o ar. Se cadáveres começarem a preencher os jardins de Vilerma, a culpa será toda dela. O pai e o capitão terão razão. Anatélia será uma mulher que traz destruição. Existe uma linha tênue entre provocar uma rebelião com salas de aula e uma com armas. Anatélia teme tê-la cruzado para o lado errado pela primeira vez. Tudo se resume ao comportamento do povo, mas também das lideranças. Ela de um lado. E do outro...

Anatélia encontra Gridenaldo onde suspeitou que o capitão estaria: na Praça do Meio, protegido por três guardas e longe dos focos de conflito. Tirando o homem do jogo, os pequenos grupos que se espalharam por Vilerma não saberão a quem reportar. Melhor ainda, não terão quem lhes garanta uma moeda de prata.

Antes que o capitão e os guardas a vejam, Anatélia se agacha e risca uma elipse no chão da praça, deixando apenas um pequeno trecho incompleto.

— Ei, fedorento! — grita, acenando.

— Olha ela ali! — exclama um dos guardas. — Vamos!

Os três marcham adiante, sacando a espada. Gridenaldo vai junto, mas com cautela. Anatélia precisa ser certa. Se tiver que lutar de verdade, não terá chances. Quando dois dos guardas se aproximam, ela fecha a elipse. Um lampejo verde ilumina o semblante surpreso dos homens. E lá vão mais dois para o País das Vacas Douradas.

— Dê a volta, idiota — Gridenaldo grita para a última guarda, uma mulher gigante, com o dobro do tamanho de Anatélia. O capitão continua parado a uma distância segura da portaleira.

Anatélia é cautelosa demais com portais. Raramente abre os perigosos, proibidos, ou que guardam segredos. Respeita o juramento de sua formação. Mas raramente não é nunca. Com cuidado, Anatélia desenha um círculo no chão, menor que seu punho. Um tentáculo rapidamente se esgueira de dentro. Ela chama o mundo do outro lado de Cemitério dos Polvos, mas não sabe bem do que se tratam as criaturas. A guarda levanta a espada para combater o tentáculo, que a puxa pelas pernas, pingando um líquido negro.

Anatélia se concentra para fechar o portal antes que a perna da mulher seja levada para dentro. O tentáculo é decepado e cai aos espasmos no chão da praça. Mas a última defesa de Gridenaldo agora está neutralizada, ainda com as pernas presas, gemendo de nojo, tentando se desvencilhar.

Infelizmente, Anatélia não tem mais tempo. Enquanto combatia a guarda, Gridenaldo ganhou vantagem. O capitão salta sobre Anatélia, que tenta empurrá-lo, mas o peso do homem com a cota de malha e as botas enferrujadas é bem maior. Ele a pressiona contra o solo com um riso forçado manchando o semblante, exalando fúria e escondendo nervosismo.

— Ia pedir para os seus capívaros pararem de construir os Antros de Rebelião — diz Gridenaldo, babando. — Mas acho que vai ser mais prazeroso deixar o povo decidir o que fazer com esses lugares subversivos. Não é isso que você queria? Amigos meus escutaram sua conversa com seu querido papai.

Anatélia respira fundo, o giz firme na mão. O erro dos tiranos é sempre esquecer das verdadeiras armas de quem luta contra eles.

Grunhindo, Gridenaldo saca um punhal e o encosta no pescoço de Anatélia. Volta e meia, o Capitão olha para trás, ciente de sua vulnerabilidade. A Orientadora se aproveita dos momentos de distração para traçar uma elipse no chão — ou o mais próximo disso que consegue fazer imobilizada, sem poder olhar e com uma lâmina no pescoço.

A alma de uma portaleira é vinculada ao outro lado de qualquer portal aberto, permitindo a transição entre mundos enquanto ela desejar. Mas existe um outro tipo de vínculo possível, o mais difícil, que demandou doze disciplinas e muito treinamento na Universidade. Anatélia mantém o giz fixo no chão, mão firme para não estremecer. Um líquido quente escorre pelo seu pescoço e ela finge não saber o que é. Fecha os olhos para não encarar Gridenaldo.

Teteléquio foi seu orientador na Universidade. Fuzequim, seu professor. Desde então, os três criaram um vínculo. Mas apenas se tornaram companheiros de verdade quando decidiram compartilhar a missão de levar as salas para o máximo de lugares possíveis. E é essa conexão que permite que uma portaleira abra um portal próximo de onde estão aqueles por quem preza, mesmo que não saiba onde se encontram fisicamente.

Anatélia fecha o desenho.

Os dois capívaros saltam pelo portal, arranhando-se um pouco nas bordas reduzidas da abertura. Sem pestanejar, Teteléquio e Fuzequim agarram Gridenaldo. Fuzequim o estapeia e Teteléquio o derruba de lado com uma cabeçada. O capitão se desvencilha e corre para uma ruela, mas o portal logo se enche de cabeças. Janildo, padeiro; Samara, pintora de fachadas; Vernão das Torres, contador; Selênia, marceneira. Mais de quinze vilermenses saltam pelo portal e correm atrás do homem. Em minutos, eles o trazem com os braços e pernas amarrados.

— Pare de se debater, homem — diz Fuzequim. — Só vai te cansar.

— O que mais odeias o guarda, capitão — diz Teteléquio.

— Vão matar ele! — A cabeça de Cócegas surge de dentro do portal. — Tio Fuze, você disse que matar não é bom!

Anatélia o puxa rapidamente pelo cangote. O menino rola pelo chão. Coceira vem em seguida. A menção à morte faz Anatélia olhar para o casarão de Edelundo, despontando da parte mais alta de Vilerma.

— Vão matar ele? — diz Coceira, a preocupação estampada no rosto. Anatélia morde os lábios, pensando, por um instante, que Coceira se refere a Edelundo.

Teteléquio e Fuzequim erguem o capitão e o carregam para uma rua de ocas no lado oeste da praça. Anatélia abraça os dois meninos, um pouco porque não quer que sigam os capívaros. Muito mais por perceber que os dois estão bem.

— Pra onde vão levar o Gridenaldo? — pergunta Coceira.

Anatélia abre um sorriso ao notar a pena atrás da orelha do menino e um rolo de pergaminho preso no calção.

— Lembra que eu disse para não forçar ninguém a frequentar as salas? Bom... estou abrindo uma exceção só hoje.

*

Que lugarzinho estranho essa sala em cima da Taverna do Zemaiás! É o que Jovaldir pensa quando se senta em uma mesinha e lhe entregam uma pena e um pouco de tinta. Dois garotos riem e cochicham ao fundo. Olha a dona Xuiá entrando, uma cesta de berinjelas debaixo do braço. Pela cara dela, também não entende nada, mas a curiosidade sempre fala mais alto.

*

Tem algo esquisito nisso aqui! Carombé vestiu um casaco com capuz, a pior roupa que tinha, e sujou o rosto para que não o notassem sentado ali. Entrou como espião para o capitão, mas está confortável demais para o próprio gosto. Não devia estar nervoso, pois um capívoro entrou com uma sacola cheia de livros? Gridenaldo insiste que livros são a faísca para cidades em chamas. Realmente, se você juntar vários e colocar fogo...

Mas ele não está com vontade de queimar nada ali dentro. Em um dos cantos de um grande aparato retangular pendurado na parede, o outro capívoro escreve palavras. Carombé não sabe ler, mas sente que tem alguma magia fluindo ali. Quem sabe os capívoros não vão fazê-lo sair dali reconhecendo frases escritas?

*

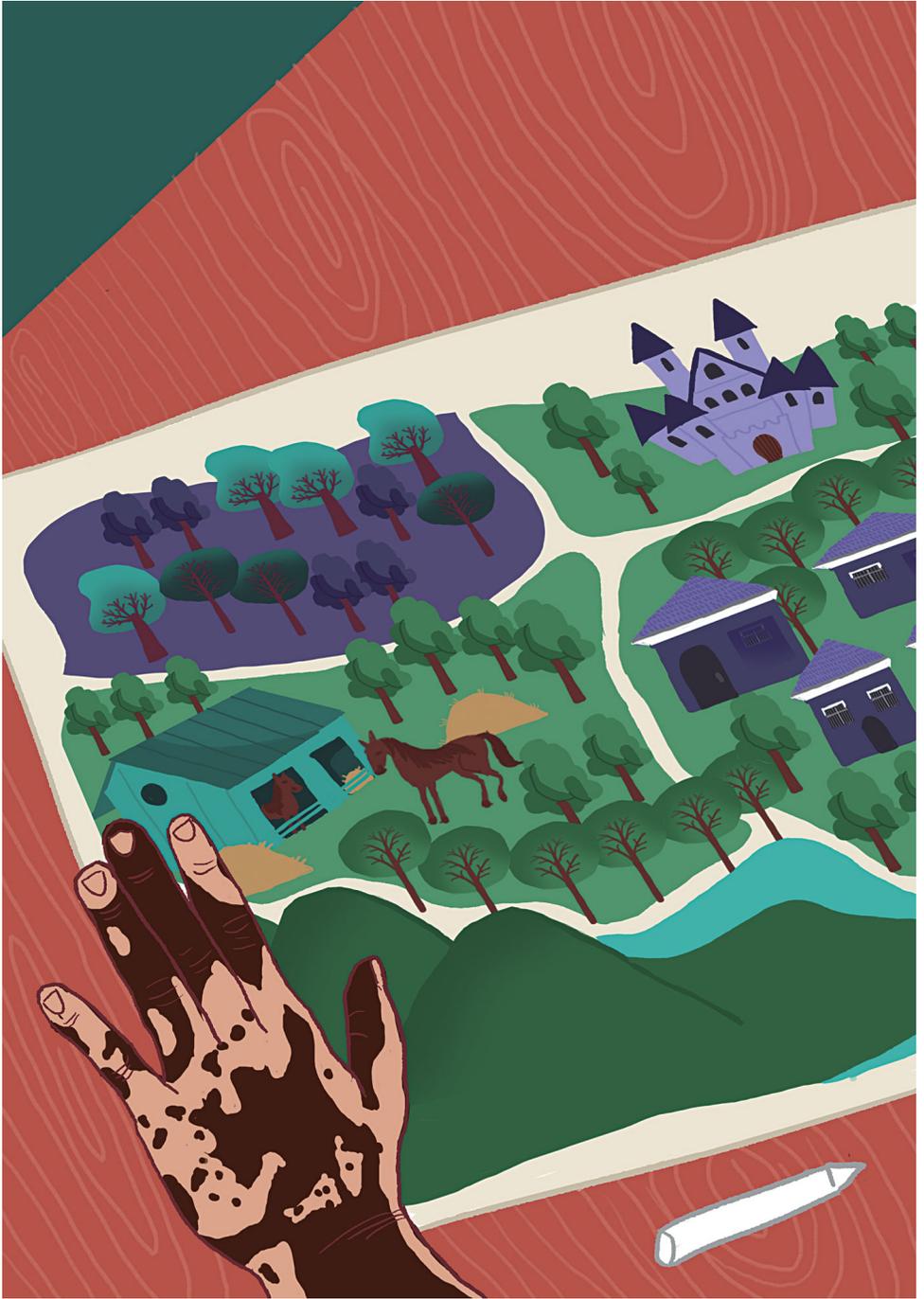
Pelanca e seu grupo se esgueiram à noite em direção a uma das salas às margens do riacho. Leva uma marreta consigo. Os outros carregam pedaços de pau. Uma moedinha de prata cairia bem. E daí que o tolo do Baltazar diz que a irmã dele está em uma das salas, e que talvez seja aquela? Os rapazes pedem que ele deixe de ser bobo. Em minutos, por algum motivo, Pelanca está do lado de Baltazar. Uma moeda de prata cairia bem, mas não vale a irmã de ninguém. Quando metade dos homens desiste da luta e sai correndo, Pelanca pensa se não é uma boa ideia proteger as salas ao invés de destruí-las. O que não contou para ninguém foi que passou a noite anterior em uma delas, ouvindo dona Marinelva explicar como se planta trigo.

*

Lá vai ela, a Orientadora. Deve estar a caminho de outra cidade, outro daqueles reinozinhos nos Vastos Cerrados. Semanas depois de sua passagem por Vilerma, o povo se questiona como ela conseguiu mudar tanto em tão pouco tempo. Alguns sequer chegaram a vê-la! Parece até que o rei tinha se tornado mais generoso depois de tudo. Dizem também que Nové, o mensageiro, envia cartas para Eriná em nome do rei. Já sobre o capitão: certas pessoas falaram para jogá-lo nos calabouços. Em vez disso, parece que algumas outras se prontificaram a reeducar o sujeito rabugento, levando-o diariamente para determinadas das salas da Orientadora.

Como a Orientadora conseguiu? Que armas trouxe consigo? Que tipo de guerra travou dentro das paliçadas de Vilerma?

Um dia, alguém ali, de repente duas crianças muito espertas, ia se dar conta de que quase sempre uma voz e um giz são suficientes.



Nas montanhas, até Vila do Vento

R.R. Portela

cerca de 5.800 palavras

Edição: Dante Luiz
Preparação: Fernanda Castro
Revisão: Ian M. M. Duarte

Ilustração: nino

ARUNA BATEU A caneca de cerveja na mesa, enfiou a mão no estrume congelado de iaque e atirou a merda nas chamas, reavivando o fogo. Ao fazer isso, olhou bem no rosto vermelho do homem sentado à frente, como se esperasse que ele fosse desatar a rir da própria piada de mau gosto.

— Você não pode estar falando sério — disse Aruna, por fim, enquanto mastigava a bebida empedrada na boca. Aruna era um homem velho, com menos dentes na boca do que o esperado e uma expressão de poucos amigos. — Não há vida além de Gelumbra.

— Claro que há! — respondeu o tal Zangbu, a coluna reta demonstrando uma disciplina exacerbada. Era jovem e sem experiência. Aruna estava acostumado a lidar com gente assim. — Essa Vila do Vento existe!

— Eu sei que existe, rapaz. Eu andava pelas montanhas nas proximidades de Gelumbra muito antes de o seu pai saber como se faz filho. O que digo é que não existe vida além de Gelumbra porque nada sobrevive. O que você quer é encontrar a morte.

— Nada disso. — O rapaz começou a mexer nas próprias coisas, revelando peles de cabra da montanha decoradas com um monte de borões. Aruna não ligou. Não sabia ler. — Tenho aqui um documento oficial dizendo que posso encontrar o montanhês que eu quiser e pagar a ele a quantia que for necessária para me levar além de Gelumbra até Vila do Vento.

— Pouco me interessa. Nem sei se o que está escrito é o que você está me dizendo. E, como eu disse, não existe vida além de Gelumbra.

Aruna gostava de estudar as pessoas que iam até ele para contratar seus serviços. Recebia qualquer tipo de clientela e ia para qualquer tipo de viagem, o que fazia com que conhecesse toda sorte de gente. Homens como o rapaz diante dele costumavam pedir para ser levados até Pontagulha, na intenção de estudar ou de se tornarem clérigos. Quem buscava paragens mais afastadas da população parecia muito mais com um criminoso do que aquele jovem.

O rapaz estava despreparado. Usava lã e couro, com certeza trazidos de Quedapedra. Devia ter dinheiro. Mas, mesmo com vestes tão novas e bonitas, não estava preparado para encarar o frio além de Gelumbra. O que vestia era pouco. Não o suficiente para matá-lo de frio, mas para deixá-lo fatigado o bastante a ponto de não conseguir viajar.

— Aruna — o rapaz insistiu. — Você é o melhor, segundo me disseram. O melhor montanhês de Gelumbra. E preciso do melhor. Como pode ver, não tenho o conhecimento para encarar essa viagem. Não posso fazer o trajeto apenas sabendo o caminho. E nem conheço o caminho de verdade, só tenho uma vaga noção. Preciso que você me leve. Por favor.

— Qual o seu nome mesmo, garoto?

— Sou Zangbu.

— Zangbu. Certo. Quando falam que Gelumbra é o lugar mais afastado de Uyarnna, tem um motivo para isso, não é?

— É onde é mais frio. Mais difícil de chegar. Eu sei de todas essas coisas.

— Correto. Você passou pelo Passo do Sarcófago, viu todas aquelas pessoas congeladas.

— Vi.

— Mas Gelumbra não é o lugar mais afastado de Uyarnna. Há outros, muitos outros. Aqui é apenas o lugar mais afastado no qual conseguiram construir uma sociedade. Se você for para o norte, vai encontrar montanhas ainda piores. Lugares impossíveis de se viver, onde existe um frio incomensurável. Lugares onde respirar dói, onde não tem nem ar para ser respirado. Lugares onde espíritos dos Círculos Maiores vivem. Compreende?

— Claro que sim. Sou professor.

— Vila do Vento se localiza ao norte. É um vilarejo que fica no pico de uma montanha a quinze dias daqui. São poucos os bolsões de ar pelo caminho. De noite, é possível chegar a um frio que quase dobra o que se

sente em Gelumbra. Seu sangue vai congelar em instantes se continuar vestido desse jeito, garoto. Já reparou na minha cabeça?

Aruna apontou para a esquerda do rosto. Zangbu olhou e percebeu a ausência de uma orelha.

— Já.

— Ótimo. Perder uma orelha é o menor dos problemas que podem lhe acontecer. No meu pé esquerdo também faltam dois dedos. Conheci montanheses que perderam o pé inteiro ou todos os dedos de uma mão. Eu estou ficando velho, Zangbu. Você pode me pedir para descer as cavernas de Gelumbra, mesmo com os boatos das coisas que existem lá para baixo. Você pode me pedir para te levar até Quedapedra, que fica a uns bons dois meses de distância daqui. Mas Vila do Vento não. Não sem um bom motivo.

— Eu tenho um bom motivo.

— E qual é, posso saber?

Zangbu contou. E Aruna mudou de ideia.

*

Kipa amarrou no iaque a última bolsa de mantimentos para sobreviverem ao trajeto. Deu um puxão para conferir se estava tudo devidamente preso, e o animal reclamou.

— Calma, Bebezão. Quando a viagem for avançando, o peso vai diminuir. Parece até que não sabe.

Acarinhou Bebezão. Antes de deixar o iaque, contou as bolsas outra vez. Estava tudo certo. Kipa era muito pragmática e gostava de conferir as coisas o máximo possível antes de sair. Compreendia seu trabalho como ninguém: conhecera uma pessoa que havia morrido anos antes por não levar cocô de iaque o suficiente para queimar. Hipotermia fora o menor dos problemas. Tinha sido encontrado aos pedaços depois de virar comida de alguma espécie de Espírito Superior. Kipa se arrepiou ao imaginar. Não queria que seu corpo fosse encontrado por fantasmas malignos.

Puxou o iaque através de Gelumbra, uma caverna altíssima com diversas entradas para outras seções. As pessoas construíam suas casas nas paredes ou em buracos, posicionando portas de madeira ou de ferro na entrada. Como as casas ficavam embutidas, o lugar parecia apenas um imenso espaço vazio, não fosse o ir e vir das poucas pessoas e de alguns iaques.

Bebezão gemeu de prazer quando saíram, sentindo a luz do sol no focinho. Os raios eram fracos, mas melhores que a escuridão total das

cavernas labirínticas de Gelumbra.

Kipa encontrou Aruna com os viajantes. Havia outro iaque ali, lotado de bolsas de couro bem mais caras e menos gastas que as de pele de cabra que Bebezão carregava. Ela reparou nos dois sujeitos que iriam acompanhá-los. Um homem jovem, de costas eretas e bem alto; o outro não muito mais que uma criança. Tinha olhos rápidos, de montanhês.

— Kipa, quero apresentar nossos clientes — disse Aruna, aproximando-se dos dois rapazes. — Este aqui é Zangbu, professor de Pontagulha, e este é Tenzing, seu assistente.

Kipa se apresentou, achando tudo muito estranho. O menino, Tenzing, ficou empolgado com a presença dela, animado para conversar.

A viagem até Pontagulha durava mais ou menos doze dias. E tudo bem que Aruna havia pedido a Kipa para preparar uma viagem de um mês, mas, para tornar a jornada mais rápida, o essencial seria diminuir o peso da comida carregada pelos iaques. Era possível comprar comida e combustível em Pontagulha. Não havia necessidade daquilo tudo.

Kipa puxou Aruna para o canto, com a desculpa de que precisava da ajuda dele para conferir o equipamento. Após ela expressar suas dúvidas, o homem respondeu:

— É simples, Kipa. Não vamos para Pontagulha. Vamos para Vila do Vento.

— Você está de brincadeira...

— É sério.

— Você só pode mesmo estar velho, Aruna, porque enlouqueceu. Não tem como ir para Vento, ainda mais com esses dois desacostumados a andar pela montanha. Nem todo o dinheiro do mundo vale a pena se a gente não estiver vivo para aproveitar.

— Confia em mim, Kipa. O rapaz tem um bom motivo para fazer essa viagem. Além disso, tem determinação suficiente para seguir até o fim.

— Quero ver se essa determinação ainda vai existir quando a gente pisar naquele frio de congelar o sangue das veias.

Aruna sorriu. Apoiou a mão no ombro dela.

— Se não puder confiar neles, confie em mim, Kipa. Estou velho, mas ainda não quero morrer. Nem quero matar você.

E o pior era que ela confiava. Aruna era como um pai para Kipa, uma garota que nunca chegara a conhecer a família verdadeira. Quando criança, fora encontrada em estado de hipotermia no Passo do Sarcófago. Era pequena demais para se lembrar o que fazia ali, mas, a alguma distância da menina, encontraram também uma caravana. Todos haviam morrido, provavelmente pela péssima condução do montanhês

responsável. Kipa estaria morta se outra caravana não tivesse passado, esta sob comando de Aruna. Ele mesmo adotara a garotinha depois de arrancar três dedos congelados da mão esquerda dela.

Aruna lhe ensinara tudo o que sabia, pelo amor ou pela dor. Havia ajudado, inclusive, a garota a se tornar uma *dana*. Fora ele quem lhe dera o talismã capaz de associá-la a um espírito de Círculo Inferior.

— Existem montanheses que sobrevivem a viagens perigosas sem se associar com nenhum espírito — ele tinha explicado, anos antes. — Mas ter um do seu lado pode determinar se você vai sobreviver nas montanhas ou não.

Kipa deixou que o ar gelado tocasse sua pele com tanta intensidade quanto o sol. Depois, passou os dedos pelo cordão de pedras que tinha no pescoço, invocando seu espírito de Círculo Inferior.

Foi como se o vento se tornasse físico. O ar se moveu e formou uma pequena tempestade atrás dela, distorcendo a realidade, abandonando o próprio plano e voltando a aparecer às suas costas. Um ser de pescoço longo, nariz maior ainda e olhos esbugalhados. Cinzento, como se feito de pedra, ele saltitou com patas ágeis em volta de Kipa e depois circulou Bebezão. Era um Khaba, espírito que encanta rochas e é capaz de encontrar caminhos através delas. Chamava-se Kosang.

O grupo deu início à viagem atravessando o Passo do Sarcófago. Sempre que passava por ali, Kipa sentia os dedos fantasmas. Enfiou a mão por dentro da roupa e prendeu a respiração enquanto percorriam o local. No caminho, cruzaram com duas caravanas, ambas descendo a montanha, procurando lugares melhores para se viver. Mas não eles. Tenzing passou o tempo inteiro olhando o lago congelado e as paredes de gelo, observando os corpos adormecidos das pessoas do lado de dentro. Era mesmo impressionante. Kipa se perguntava se, caso um dia as montanhas descessem e o frio acabasse, aquelas pessoas voltariam vivas ou mortas.

— Eu odeio este lugar — segredou Tenzing ao lado dela de repente.

— Tem medo de fantasmas? — ela perguntou.

— Não. Só não acho que seja o lugar mais apresentável de Gelumbra. Mas é o primeiro que vemos.

— Uma grande primeira impressão.

— É sinistro.

Viajaram por mais um tempo. Não pegaram a estrada que levava para baixo, mas sim outra, que descia um pouco e seguia para o lado das montanhas de Uyarinna. Tenzing parecia animado com a jornada e interessado em Kosang. A criatura não se importava muito com ele, mas o

rapaz fazia questão de caminhar ao lado de Kipa para permanecer perto do espírito.

— Você nunca viu um desses? — a mulher perguntou.

— Já, mas não dessa espécie. Geralmente, vejo do tipo caseiro, não montanhês. Quase me liguei a um. Não aconteceu, porém. Tive medo de me tornar mais propenso a ter contato com Espíritos Superiores. Deles eu tenho medo.

Aquilo era pura superstição. Virar um *dana* e se associar a espíritos não chamava nenhum ser maligno, a não ser que você quisesse. Tenzing era um pouco infantil, Kipa percebeu.

— Se você tem um laço com um Khaba, Aruna tem um laço com um Yod? — Tenzing continuou a puxar conversa.

Yod eram espíritos guerreiros. Ela balançou a cabeça em negativa.

— Aruna não se associa com espírito nenhum.

— E como ele consegue viajar por aí?

Kipa quase riu da inocência do menino.

— Você nunca saiu de Pontagulha, não é?

— É minha primeira vez.

— E indo para Vila do Vento. Já pensou que talvez não sobreviva à viagem?

— Zangbu me alertou disso quando saímos de Ponta. Eu vim mesmo assim.

— Por quê?

— Ele mudou minha vida. Acredito e confio nele. E acredito no que Zangbu está tentando fazer.

— Que é?

— Ensinar a população de Vila do Vento.

— Ensinar o quê?

— Tudo.

— Não faz sentido. Como ele pode ensinar tudo?

Tenzing a olhou como se não compreendesse o que Kipa queria dizer. Ela continuava encarando o garoto, buscando sentido naquelas palavras.

— Zangbu é um professor. Ele ensina todo tipo de coisa.

— Ainda não faz sentido.

Kipa conhecera professores durante a vida. Homens e mulheres mais velhos que aceitavam um ou dois pupilos e ensinavam sobre algo específico, algo no qual fossem bons e que desejassem passar para frente. Aruna era seu professor no montanhismo. Também conhecera Jigsa, que lhe ensinara a fazer o pacto com um Espírito Inferior. Mas nunca

conhecera professores que ensinassem de tudo. Além disso, que tipo de professor viaja para tão longe a fim de encontrar um aprendiz?

— Claro que faz sentido! — insistiu Tenzing. — Ele ensina números, letras, história e religião para todos que quiserem aprender. Os alunos se sentam em cadeiras de frente para Zangbu, que passa todo o conhecimento para eles. Zangbu sonha em transformar Uyarnna. Quer que as pessoas sejam letradas, que tenham conhecimento básico e possam escolher o que querem da vida para além das coisas que foram ensinadas a fazer. Vento é um teste para ele, uma maneira de provar à Cúpula de Pontagulha que é possível mudar e evoluir vidas através da passagem de conhecimento.

— Espera. Ele quer ser professor *de tudo* para *todas* as pessoas de Vila do Vento?

— Sim. Não é ótimo?

Os olhos de Tenzing só não brilhavam mais que os dentes ao exibir um sorriso contagioso. Mas Kipa não se sentiu contagiada. Naquele momento, teve certeza de que Zangbu era louco e Aruna mais louco ainda em aceitar a viagem.

*

— Tem algumas coisas que vocês precisam saber antes de continuarmos — disse Aruna, repassando a cerveja quente. Eles bebiam e bochechavam até engolir, sentindo o calor tocar o estômago e, aos poucos, se espalhar pelo resto do corpo.

Estavam sentados em roda diante de uma fogueira e comiam carne de cabra para acompanhar a bebida. Um alento após um dia de viagem cansativo. Os dois iaques descansavam a poucos metros, deitados na neve.

— A primeira coisa que precisam saber é... — Aruna levantou um dedo enluvado. — Aproveitem ao máximo esse período de descanso. O ar rarefeito vai sugar tudo da gente a partir daqui. Existem pouquíssimos bolsões de ar pelo caminho. Três, para ser mais específico, e vamos encontrá-los nos dias dois, sete e doze, isso se continuarmos nossa viagem de maneira veloz. A segunda é evitar movimento. Vai chegar uma hora que vou proibir até conversas. Saber guardar fôlego será crucial para a sobrevivência da nossa caravana. A falta de ar vem acompanhada de sintomas, e, se vocês começarem a sentir algo, por favor, falem comigo. Dificuldade para respirar e coração disparado. Dor de cabeça e desconforto. Tudo isso chega devagar, então, quando começarem a sentir, me avisem para conseguirmos evitar mortes. A terceira coisa é seguir

meus passos e os de Kosang. A partir de amanhã, as coisas começam a ficar um pouco difíceis na viagem, que só vai normalizar quando chegarmos em Vento. Pode ser que tenhamos que passar por lugares soterrados de neve fofa, capaz de afundar uma pessoa inteira. Ou que a neve pese tanto que vá derrubar um pedaço da montanha e, conseqüentemente, quem estiver em cima. Tomara que não, mas sempre existe a possibilidade de encontrarmos fantasmas famintos. Apenas eu sei onde é seguro. Não se distraiam, não percam o foco. A viagem é difícil, e será necessário completá-la. A quarta coisa é que vamos precisar do comprometimento de todo mundo para seguir essas recomendações. Entendido?

Todos concordaram. Aruna abriu um sorriso quando a caneca voltou para ele. Tomou um gole e deixou a cerveja por um tempo na boca, sem engolir. Esquentava bastante, e era tudo o que ele precisava no momento.

Zangbu ergueu a mão. Queria falar. Aruna passou a caneca adiante e deixou que o homem colocasse para fora o que precisava.

— Quero dizer a Aruna e sua pupila que não faço essa viagem por sonhos pretensivos. É apenas uma vontade única e verdadeira de fazer algo por Vento, não um desejo magnânimo de levar educação, seja lá o que isso signifique, para todos os povos. Mas Vila do Vento pode servir como uma porta de entrada para outros vilarejos afastados. Eu fico muito feliz por Aruna ter aceitado fazer essa viagem. Agradeço a Kipa por ter aceitado também. Vocês são heróis e estão fazendo uma grande diferença. Obrigado.

Ele curvou a cabeça em um gesto de reverência. Aruna sorriu e lhe deu dois tapinhas no ombro. Kipa achou aquilo tudo indecifrável. Não fazia sentido para ela seu mestre ter tanto respeito por Zangbu. Era bem mais jovem que Aruna. Além disso, ambos eram mestres em seus respectivos temas. Aruna não tinha histórico de manter seus clientes em tão alta conta.

Kipa sentia que estava deixando algo passar. Ignorou. Resolveu dormir.

No dia seguinte, a viagem se tornou mais difícil, mas não pela manhã. De manhã, eles desceram mais uns metros em um caminho apertado, todos em fila. Dava um certo alívio devido ao aumento da temperatura ambiente. Mas as coisas ficaram piores — e mais lentas — quando voltaram a subir. Chegaram a um ponto onde Kipa precisou deixar Kosang seguir na frente, buscando trilhas melhores nas rochas para passar com os iaques. Estavam em um corredor apertado, uma espécie de vale que iria alçá-los ao topo da montanha onde se encontravam.

Naquele trecho do caminho, Tenzing tentou puxar assunto com Kipa. Ele ficava ofegante, conversando sobre Kosang e outros espíritos. Aparentemente, Zangbu não podia ensiná-lo a ser um *dana*. Então ele não é professor de tudo, pensou a mulher, achando graça. Tenzing também comentou sobre os paredões pelos quais haviam passado no dia anterior e começou a falar com animação sobre o salto, esporte comum em Quedapedra que consistia em se pendurar num paredão da montanha e saltar para o outro. Mortal, mas contagiante. Kipa, porém, ouvia com desinteresse. Ela gostava de salto, mas Tenzing falava demais quando não devia. O jovenzinho foi interrompido por Zangbu, a voz grave como um trovão:

— Ontem você ouviu as recomendações de Aruna, Tenzing. Já esqueceu? Preciso repassá-las com você?

— Não, senhor. Desculpa.

Tenzing se calou, e Kipa até ficou grata, porque o fim do vale era íngreme demais a ponto de a pessoa precisar se concentrar nos movimentos e na própria respiração. O frio impossível já voltava a surgir — quando saíram do caminho apertado e alcançaram o topo da montanha, os ventos gelados fustigaram o pouco de pele exposta que tinham.

Mas a vista valia a pena.

Dali era possível olhar para o sul e enxergar o cume solitário de uma montanha imensa. Era Gelumbra. Também sentiam que estavam ainda mais alto naquele trecho, como se pudessem tocar o céu. Quase não havia nuvens, apenas uma imensidão azul de um lado a outro. Kipa gostava de pensar que, caso esticasse os braços, seria capaz de abraçar o mundo de leste a oeste e de norte a sul.

Bebezão gemeu ao lado dela, trazendo Kipa de volta à trilha. Aruna e Kosang os guiavam por um caminho complicado, onde havia muita neve e pouco chão. Kosang ia na frente, acompanhando o líder da caravana, encontrando o caminho tão bem quanto o velho montanhês, porém mais rápido. Foi difícil atravessar a passagem, tanto pela incerteza de onde pisar quanto pela preocupação com o peso dos iques e a força do vento.

Os dias seguintes seriam complicados. Mas, pelo menos, havia um bolsão de ar à frente. Era nisso que Kipa acreditava. Não conhecia a região, mas Aruna dissera que havia um no segundo dia. E ela acreditava nele sem reservas.

Para alcançar o bolsão, precisaram caminhar mesmo depois que a noite caiu e o frio piorou. Estavam todos cansados e começando a ficar ofegantes, o que era perigoso. Tenzing reclamou de falta de ar e dor de cabeça. Precisavam do bolsão ou morreriam.

Aruna não havia mentido, porém. Eles chegaram a uma caverna um pouco mais quente, com uma brisa vinda de um imenso precipício, jogando o ar do fundo da montanha até lá em cima. Ar quente, que os obrigava a abrir os casacos. O alívio era bom — ainda assim, precisariam de fogo.

Mas o melhor de tudo era que podiam respirar normalmente. Encher os pulmões e expelir o ar.

— Tenzing, coma batatas hoje, todas que lhe oferecerem — disse Zangbu enquanto os outros se ajeitavam e preparavam o que comer. — O carboidrato pode ajudá-lo a sobreviver. Comidas gordurosas podem ser um problema.

Kipa se acomodou no chão. O grupo cozinhava uma sopa de batata com pedaços de carne.

— Quando você pretende voltar? — Aruna perguntou ao professor. — Sua viagem deve demorar, imagino.

— Pretendo passar quatro anos em Vila do Vento. Tenho um acordo com a Cúpula de Pontagulha para mandar alguém daqui a quatro anos para me buscar e avaliar a diferença do vilarejo. E aí, sim, eles vão ter certeza de que meu método deu certo.

— Seu método de ensino.

— Isso.

— Não quer falar um pouco sobre ele? — Aruna perguntou, olhando para Kipa. — Acho que minha pupila gostaria de ouvir.

— Eu adoraria — disse ela. De fato, desde que Tenzing comentara daquele absurdo, Kipa queria muito entender mais do assunto.

Zangbu relaxou. Com certeza era um assunto que ele gostava de abordar.

— Eu tenho minhas críticas quanto à maneira geral de ensinar em Uyarnna. Essa ideia de que, para aprender, os aprendizes precisam conhecer e encontrar um mestre que passe todo o seu conhecimento é falha. Fajuta. Torna o saber espalhado, superficial e dependente do conhecimento e da experiência do mestre. Deixa de ser exato, com informações importantes se perdendo para sempre. Aruna pode ter aprendido com seu mestre anterior algum conhecimento sobre as montanhas que depois esqueceu. Ou que nunca conseguiu aprender do jeito certo. Mas a questão não é só essa. Um mestre aceita de três a cinco

alunos de uma vez. Um *dana* passa seu conhecimento da mesma maneira, os clérigos também. É muito pouco. O conhecimento letrado, a matemática, tudo isso é destinado apenas para as pessoas importantes de Pontagulha e, às vezes, nem isso. Acredito que a escrita seja o futuro. A invenção do século. Com ela, podemos passar o conhecimento à frente. Todo ele. Eu venho de uma vertente que acredita que o ensino deve ser para qualquer pessoa e que pode tornar Uyarinna melhor. Se todos tiverem o mesmo tipo de educação e métodos para acumulá-la, sobrá pouco espaço para descobrir outra vez algo que alguém já sabe. Na verdade, vai ser possível descobrir mais. As pessoas vão aprender mais sobre si mesmas. E, quem sabe um dia, a gente possa até mesmo descer das montanhas. Se todos forem detentores do conhecimento, nossa sociedade pode evoluir. Se todos aprenderem um pouco sobre tudo e se especializarem naquilo que desejam, o céu, ou no nosso caso, o chão, será o limite.

Kipa refletiu sobre o que acabara de ouvir. Ela não sabia ler. Aruna também não. E isso nunca havia feito diferença em suas vidas.

Ela conhecia o pessoal letrado de Pontagulha. Sempre agiam com uma soberba imensa, de nariz empinado, como se fossem mais inteligentes que a maioria. Aruna sempre lhe dissera para não se meter com eles, mas ela sabia que era mais porque o pessoal de Pontagulha não saberia se defender dela. Na concepção de Kipa, eles não eram ninguém.

Mesmo assim, as ideias de Zangbu faziam certo sentido. Da maneira que Tenzing apresentara, soara idiota. Mas o professor não pretendia ser portador de todo o conhecimento do mundo nem se posicionava como salvador da população de Uyarinna. Apenas oferecia um outro método de ensino.

Não, ela percebeu ao olhar para Aruna. Não era outro método de ensino porque sequer havia um, para início de conversa.

Lembrou-se de quando estudara com Jigsa. Ela tinha um método. Sentava os pupilos à sua volta e explicava tudo sobre o assunto. E explicava bem, tendo em vista a questão conceitual da relação com um espírito de Círculo Inferior. Mas, quando precisava viajar com Aruna ou simplesmente estava frio demais para ir até a casa da *dana*, Kipa aprendia sobre montanhismo. Aruna explicava tudo de forma complicada, tropeçando nas palavras e se recusando a voltar a certos assuntos. O melhor montanhês, o pior professor. Quando Kipa não compreendia o que o mestre falava, apanhava. Ela nunca aceitara tomar porrada. Terminavam se engalfinhando, e Kipa tinha orgulho em dizer que pelo menos duas cicatrizes no rosto do homem foram obra sua.

Por muito tempo, pensou que o montanhismo não fosse para ela. Ainda assim, havia insistido em respeito à boa relação com Aruna fora do ensino. Sem contar que, quando viajavam, ele podia ensiná-la *na prática*, e Kipa se sentia muito melhor desse jeito. Aprendia mais.

Dois métodos diferentes. Dois tutores diferentes.

— Isso pode fazer sentido — ela disse, por fim.

Zangbu sorriu. Aruna fez o mesmo.

Nos dias seguintes, Kipa refletiu bastante sobre as palavras de Zangbu. Pediu a Tenzing para explicar melhor aquela ideia. O garoto falou um pouco sobre Zangbu e sobre as letras.

— Imagina aprender sem um professor, Kipa. Imagina poder ler sobre qualquer coisa. E escrever também. Você pode passar seus conhecimentos para qualquer um. Pode falar o que quiser. É como magia.

Ela sorriu. Sim. O saber era mágico.

*

— Sem conversas — disse Aruna.

Eles passavam por uma área de difícil acesso, quase escalando uma montanha. Havia apenas uma saliência estreita por onde os iaques conseguiram avançar. Kosang ia na frente, parando de vez em quando a fim de conferir a rocha em que pisava. Perto dele, equilibrando-se no terreno difícil, caminhavam Tenzing e Zangbu. Toda vez que o espírito parava, Kipa prendia a respiração. Se não tivessem como passar, teriam de voltar e arranjar outro caminho.

Havia sido Aruna quem dera a ideia de ir por cima, conferindo o trajeto. Era mais cansativo, mas fazia sentido. Ela ia na frente. Fora um pedido do próprio homem.

E Kipa queria conversar. Tinha ideias na cabeça.

— Por que você não falou sobre o plano de Zangbu para Vila do Vento?

— Sem conversas. Não vê onde estamos?

— Por favor, Aruna. Quero entender.

— Que diferença faria?

— Se não fossem as intenções dele, não estaríamos aqui, fodidos nessa montanha, com o vento tentando derrubar a gente. Eu quero entender você, Aruna. Precisa me explicar. Por favor.

Ele escondia o rosto. Talvez fosse o vento. Talvez vergonha. Ela nunca iria saber com aquele frio tão violento em cima deles. Seu rosto não tinha como ruborizar.

— Você rasgou minha cara, Kipa. É por isso.

— O quê?

— Eu nunca tive paciência para ensinar. Sou um péssimo professor. Você aprendeu porque é muito boa. Não conheço palavras o suficiente, enrolo em tudo o que falo. Aprendi quase tudo por instinto. Meu próprio mestre era péssimo. Ele me batia mais do que bati em você. Aprendi na marra. Era aprender ou apanhar. Nunca revidei que nem você. Quando você rasgou minha cara, percebi que estava replicando meus atos. Eu não sirvo para ensinar. Por isso te enviei para Jigsa. Você poderia aprender coisas novas, arrumar outro caminho no montanhismo ou mesmo desistir de vez. Era uma oportunidade para você não ficar comigo o tempo inteiro, assim como eu estive com meu mestre.

— Não faz sentido.

— Se a gente deixar o ensino para quem está preparado, melhor. Eu não sirvo. E sempre quis aprender a ler, Kipa. Mais do que aprender montanhismo.

Kipa não teve tempo para absorver aquelas palavras.

Um grito ecoou pela montanha, mais alto que o vento. Ela viu Tenzing perdendo o equilíbrio. A saliência rachava, e o tremor desestabilizou o garoto.

Zangbu foi mais rápido do que os montanhese; estava mais perto. Agarrou Tenzing, puxando-o e atirando-o na direção de Bebezão. O iaque urrou quando o jovem se prendeu ao pelo. O professor, em contrapartida, acabou escorregando. Foi caindo, as mãos esticadas buscando o que segurar.

Aruna reagiu primeiro. Antes que Kipa se mexesse, ele já havia saltado, pisando na saliência com um pé e agarrando Zangbu pela roupa. O corpo do professor pendia para o lado de fora, e Aruna não conseguia segurá-lo.

Kipa precisaria agir. Sabia o que perder Zangbu significava. Mais do que perder o inesperado futuro de Uyarnna, era o cliente deles. A morte do homem significaria que tudo até aquele momento teria sido em vão.

Em vão.

Kipa agiu.

Lembre-se do salto, comum em Quedapedra, e de como o esporte só funcionava por lá porque os paredões eram mais retos e verticais do que ali. Havia saliências e picos nos quais podia se machucar feio, de maneira irreversível. Podia nunca mais conseguir subir uma montanha. O risco era ainda pior. O esporte tinha sido feito para gente treinada. Mesmo assim, vários acidentes aconteciam.

Tinha gente que saltava direto para a morte.

Kipa não quis pensar naquilo. Não quis nem olhar a distância de onde estava para o chão. Apenas soltou um piquete da parede e analisou a trajetória que Zangbu percorreria direto para as montanhas abaixo ou além delas. Saltou. Sentiu o vento bater gelado no rosto, a sensação do corpo em queda livre, o estômago esmagado pela pressão.

Zangbu gritou quando Aruna não conseguiu mais segurá-lo. Seu corpo pendeu para baixo, mas o professor não despencou do modo que imaginava, porque alguém o agarrou e puxou com toda força. Era Kipa, que também caía, levando o homem junto. Durante a queda, ela raspou o piquete na parede de gelo, diminuindo a velocidade dos dois, mas incapaz de parar o movimento por completo.

Ela tentou de novo. O piquete se soltou outra vez. Estavam de volta à queda livre. Kipa seguia golpeando a parede sem cansar, mas de nada adiantava. Tentou com o piquete que trazia na outra mão, mas, por segurar Zangbu, não tinha força suficiente. O objeto se chocou contra o gelo e se soltou da mão dela, sumindo no vazio.

Iria morrer, refletiu. Nem ela nem Zangbu sobreviveriam. Kipa evitou olhar para baixo, preferindo encarar o céu, a montanha, Aruna e Tenzing parados lá em cima sem ter o que fazer. Foi quando algo veio em sua direção com imensa velocidade. Ela não compreendeu o que era de imediato, mas as palavras de Zangbu revelaram a identidade do vulto:

— É Kosang!

Kipa acreditou que o espírito fosse ajudá-los a impedir a queda, mas Kosang passou direto. Ela não entendeu nada. Ficou olhando enquanto Kosang se chocava contra uma rocha, depois outra e mais outra, até mover um paredão. *Um Khaba pode encantar rochas.* E era exatamente o que ele fazia, esticando um pedaço da montanha para recebê-los. De repente, a visão de Kipa mudou.

Era a ligação com o Kosang. O espírito só existia naquele mundo através do talismã e, no momento da necessidade, trocava não apenas a energia e os métodos com Kipa. Eles agora dividiam a visão, uma coisa que ela não sabia ser capaz de fazer. E que, acreditava, Jigsa também não sabia.

Kipa encontrou o caminho pela montanha. Enxergou pontos dourados na rocha, como minúsculos sóis. Ergueu o piquete mais uma vez e atingiu a montanha no exato ponto do brilho. O piquete arrastou pela parede, abrindo caminho em meio à neve, terra e rocha. A velocidade de ambos diminuiu. Mas, quase no fim, o piquete se soltou. A dupla girou no ar antes de encontrar o chão que Kosang havia criado para eles.

Kipa caiu de bruços, o nariz ficando esmagado sob o peso da própria cabeça. Ela sentiu o sangue fluir, melado primeiro, congelando logo em seguida. Mal conseguia respirar. Foi colocada de pé por Zangbu, aparentemente ileso ao seu lado. Haviam sobrevivido. Era o que importava.

— Obrigado — ele disse.

Ela tentou sorrir, mas a dor era imensa.

*

Os dias seguintes foram infernais para Kipa. A dor no nariz era insuportável, e dormir era ainda mais difícil. Ainda assim, ela enfrentou as dificuldades, principalmente devido ao orgulho que espreitava seus breves sorrisos sempre que alguém lhe agradecia. A mulher que salvara a viagem. Tenzing a reverenciava como se Kipa tivesse salvado todo o futuro de Uyarnna.

— Não é para tanto, Tenzing — disse Zangbu. — Ela salvou apenas minha vida. Isso basta.

O resto da viagem transcorreu com tranquilidade, apesar dos pesares. O caminho ainda era muito difícil, e eles terminavam o dia ofegantes. Para Kipa, infelizmente, aquilo ia se tornando comum. Por causa da dor, ela respirava mais vezes. A dor persistiria por um bom tempo, afirmava Zangbu, mas ele podia ajudar a diminuir o incômodo. O professor colocou o nariz de Kipa no lugar. Disse que ela ficaria com o nariz torto para sempre.

Ela não se importou.

Então, exatamente quinze dias após dar início à jornada, o grupo avistou uma extensa planície cheia de neve. Eles estavam em uma montanha baixa, cercada por outras maiores. Na planície, era possível ver precipícios que, com certeza, desciam direto ao subterrâneo. Eles também sentiam a brisa no rosto, o ar vindo de baixo, projetando-se para o topo da montanha. Era um lugar onde respirar não parecia difícil.

A entrada de Vila do Vento.

Sua população aguardava. Cerca de cem pessoas, todas espalhadas, observando os viajantes que se aproximavam.

— Eles estavam me esperando — disse Zangbu enquanto caminhava. — Vento foi a escolhida por sua localização difícil e pela carência em educação. A vida deles já é dura demais. Posso ensiná-los a lidar com os próprios problemas. E a sobreviver.

Kipa sorriu por baixo do nariz torto. Quando Zangbu chegou perto daquelas pessoas, elas se curvaram em respeito. O professor apresentou a si e àqueles que o acompanhavam. Em resposta, os moradores se ofereceram para conduzir os iaques montanha acima até o vilarejo. As crianças fizeram uma fila diante de Zangbu, oferecendo desenhos a carvão feitos sobre retalhos de pele. O professor aceitava cada um deles antes de seguir caminho, soltando seus devidos elogios.

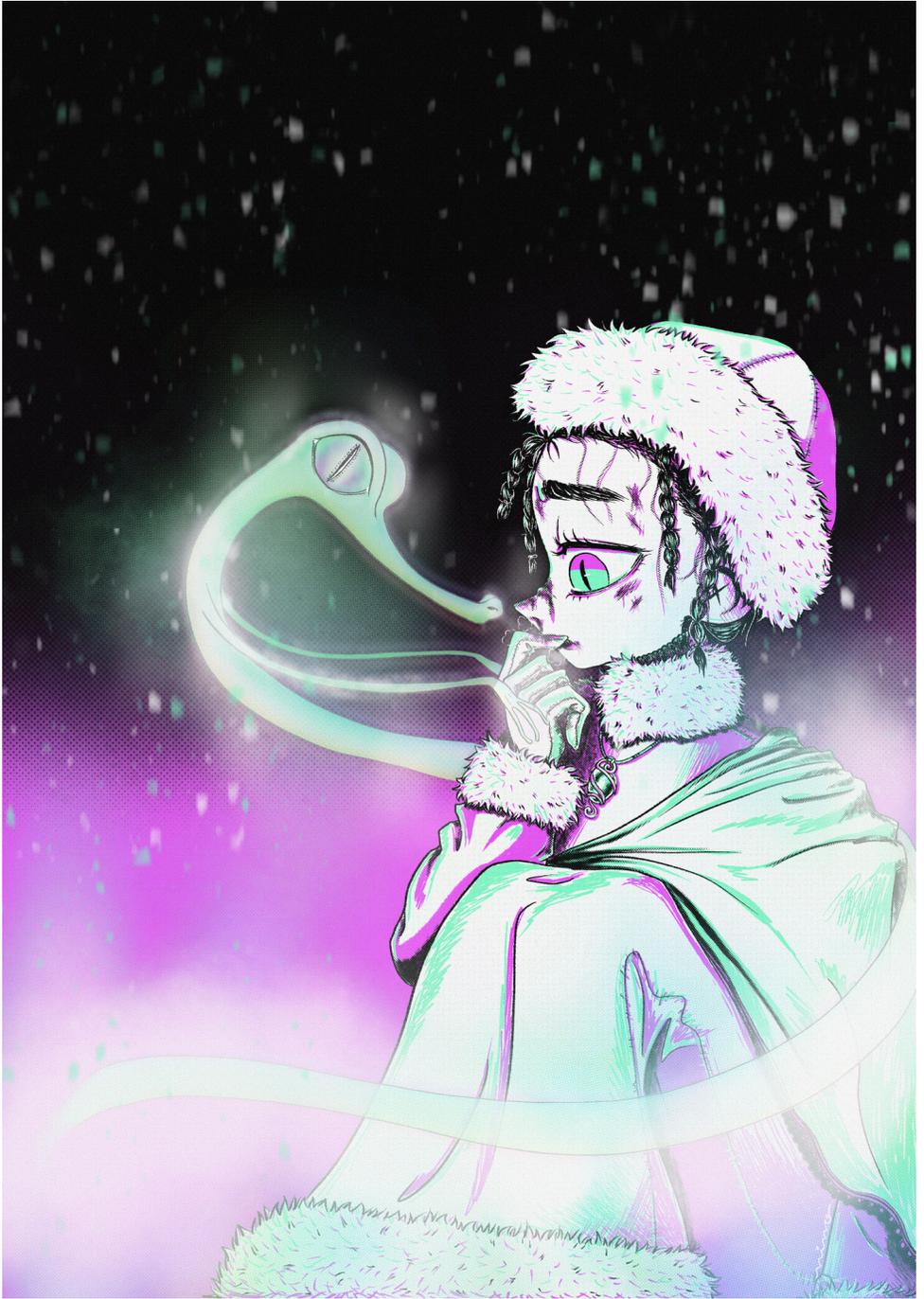
— Tentei desenhar nossas futuras aulas — disse um.

— Tentei escrever parecido com as imagens que Pasang trouxe de Gelumbra — afirmou uma garotinha.

— Tentei me desenhar como montanhês.

Aruna trocou olhares com Kipa. Era isso que a vinda daquele homem significava para o vilarejo, ela percebeu. Era a mesma coisa que Aruna lhe oferecera quando a encontrara quase morta no Passo do Sarcófago.

Eles não ofereciam apenas conhecimento. Também traziam esperança.



Canção Operária

H. Pueyo

cerca de 3.200 palavras

Edição: Otniel Pereira
Preparação: Fernanda Castro
Revisão: Ian M. M. Duarte

Ilustração: Nina Satie

AQUI JAZ A rainha, gigante e imóvel, cada um de seus seis braços caídos e abertos, curvados, tomados de leves espasmos, como se esquecesse de que não estava mais viva. Aqui, na câmara ventral, em meio a nós, que só sabemos servir, que a vemos, mais deusa do que mulher, esta criatura tão grande que nem muitas de nós juntas poderíamos carregar, que cobre tudo, que alimentamos desde que nasceu. Nós, que a transformamos no que é, no que foi, olhamos para ela sem saber como continuar, sem suas ordens para nos dizer aonde ir e o que fazer.

Algumas de nós se aproximam. O corpo da rainha não apodrece, congelado em uma crisálida eterna, firme e seco, tornando óbvio o que já deveríamos saber: ela é grotesca. Deitada em almofadas confortáveis, a rainha está de abdômen para cima, os braços superiores estendidos em martírio, o par central dobrado de forma pouco natural, as pernas inferiores prostradas contra as paredes.

A Grande Mãe está morta, sussurram algumas de nós na câmara. Outras limpam o corpo, tirando a terra e o pó dos membros articulados, fazendo brilhar o tom terracota do esqueleto real. A ligação do pescoço da antiga soberana está partida, quase inteiramente decepada, e a dúvida se alastra por todas nós. As tiras de tecido orgânico parecem cortadas, como uma decapitação mal executada. A pergunta permanece no ar: o que faremos agora?

Por dias, o eco é nossa única companhia. Exoneradas do dever do trabalho, vagamos pelos túneis complexos que continuamos construindo

sem fim, ou rondamos os jardins de fungos que cultivamos com tanto carinho e que agora parecem apenas carcaças brancas e entrelaçadas. No berçário comunal, as crianças se agitam, sentindo falta da comida que costumavam receber. Ribomba em nosso subterrâneo o título da rainha, a Grande Mãe, e cobrimos sua câmara com folhas igualmente mortas.

— Não há motivo para deixarmos o corpo aqui — diz Vinca, passando em meio aos dedos desfalecidos de nossa regente. — A câmara real é muito maior que as outras. Poderia abrigar dois ou três berçários.

— Não há berçário se novas crianças não nascem — nós respondemos. — E só a rainha pode ter prole.

— Um arquivo, então — insiste Vinca.

— Não há memória sem povo — respondemos. — E não há povo sem líder.

— Ou uma plantação. — Vinca sobe pelas falanges do cadáver, andando pelas juntas do braço e parando acima do tórax. — Poderia ser maior que qualquer outro jardim. Com a umidade e o espaço que temos aqui...

— Para que cultivar, se já estamos mortas?

Vinca encara nossa mãe de frente. A rainha descansa nua, como sempre esteve em suas suntuosas almofadas, parcialmente coberta pelo tecido carmim que espirala do seio até o meio de suas pernas inanimadas. Faz o corpo parecer apenas um corpo: belo, farto, materno, imenso, imaculado. Por um momento, é assim que a vemos, efêmera, não o fim de nossa linhagem, não a calamidade que parece ser, não a destruição iminente do formigueiro que decai, sem vida nova a ser gerada.

É um corpo e nada mais.

A mensagem é transmitida para todas em nossa rede compartilhada de pensamentos. Nossa mãe é apenas uma carcaça sem divindade. Não temos segredos umas com as outras, não deveríamos ter — não temos como ter. Somos mais do que indivíduos, somos a teia que nos conecta, a ossatura interna que liga todos os pontos deste formigueiro, onde visões e opiniões deslizam da cabeça de uma irmã para a outra, jorrando da mesma fonte infinita. Não temos segredos, mas a rainha segue morta e não sabemos quem a matou. O luto nos controla, mas não é direcionado a ela, e sim a nós mesmas. A sede de viver é palpável; queima nas gargantas de nossos túneis guturais, retorce os corpos das crianças que gritam suas súplicas e ativa um mecanismo antes desconhecido, o do instinto mais bruto de sobrevivência.

No berçário, outra voz:

— Ainda temos alguma princesa? Achei ter visto uma ou duas outro dia — diz Hosta, enorme em comparação a tantas irmãs e, ainda assim, minúscula perante a rainha.

— Acreditamos que não — respondemos. — A Grande Mãe comeu todas elas.

Os braços fortes de Hosta não foram feitos para crianças, e suas mandíbulas parecem pesadas e desajeitadas diante dos bebês pálidos. Ela toca em uma das larvas cuja película translúcida ainda não cristalizou no corpo resistente de uma adulta, e a menina se contorce como se tivesse sido queimada. Há berços de argila cozida espalhados pela sala, milhares deles, do chão ao teto, pequenos buracos escondendo criaturas igualmente pequenas.

— Excelente. — Hosta deixa o bebê de lado e volta para o centro do berçário, de onde a observamos, tão acuadas por sua dureza quanto as crianças ficavam acuadas por sua força e tamanho. — Se por acaso virem alguma, ela deve ser alimentada como todas as outras; criada como todas as outras, sem condições especiais, sem privilégios, independente do que vier a se tornar. Entendido?

As babás assentem.

Essas mulheres idosas, esqueléticas, cercam Hosta, espiando-a. Algo muda em nós. Nas profundezas de nosso lar, há quem comece a concordar com Hosta, enquanto outras sussurram que Vinca tem razão: por que não reutilizar a câmara real? Por que deveríamos ter outra rainha?

Hosta amarra um pedaço rasgado do pano carmim da Grande Mãe em um dos seis braços musculosos, e as apoiadoras a imitam, tecendo linho e tingindo-o de urucum para fazer a própria braçadeira.

Vinca faz o mesmo, mas, em vez do brasão vermelho no braço, cobre os ombros estreitos com parte do tecido, um xale escarlate improvisado. As companheiras, trabalhadoras rápidas e pequenas, passam tinta nos tórax expostos.

Nós concordamos; nós discordamos; nós duvidamos. Não sabemos quem está certa. Nem ao menos temos certeza se Vinca ou Hosta têm direito de reclamar ou sugerir, mas as palavras delas se espalham como incêndio em uma floresta. Nós, que tanto reverenciamos a rainha, agora vemos sua carapaça vazia e intocada como uma ameaça. Nós, que trançamos as ondas de suas antenas, deixamos agora que os fios se espalhem pelo chão, inúmeras raízes castanhas vindas da cabeça régia.

Ela, que nos pariu e governou, que escolhia quais de nós eram mais apropriadas para servi-la, quais estavam velhas e deveriam ser relegadas aos berçários, quais deveriam fazer trabalho braçal, quais deveriam

escavar mais túneis que se abriam para câmaras e mais câmaras. Tudo isso do conforto de suas almofadas, alta, melancólica e silenciosa, sem dizer nada. Bastava erguer um dedo e a ordem era marcada em nossa cabeça e entendida por nossas companheiras: você, tão corpulenta, para o esquadrão. Você, arquiteta, trabalhe o barro. Você, minha criada.

Nossas irmãs minúsculas subiam por seu torso, puxando o tecido para cobrir um seio, trançando as antenas que se alongavam a cada ano, chegando a milhas de comprimento. Seus três olhos compostos, vermelhos e escuros como o solo de nossa casa, nunca olharam para nós.

Outra ideia agita o formigueiro.

— Se quisermos salvar o jardim, precisamos trazer novas aprendizes para cá — diz Siena, uma das poucas anciãs fora dos berçários. Não tem uma das pernas, mas entalhamos um pedaço de madeira para ela, fazendo articulações quase perfeitas que escondem o mecanismo acoplado. A prótese é empalidecida por sua tez de rútilo, mas ajuda com que se locomova com mais facilidade. — Gostaria de chamar algumas meninas do esquadrão, já que elas têm um grande número de reservas.

As jardineiras se entreolham.

As que sugavam o vinho fermentado com canos esculpados erguem o rosto, confusas. As que podavam as partes mais longas dos arbustos de levedura deixam as ferramentas de lado. As que colhem os delicados cogumelos bioluminescentes que iluminam o subterrâneo congelam, as mãos paradas nos chapéus planos ou nos estipes que os sustentam.

— O esquadrão só sabe fazer o que nasceu para fazer — dizemos. — São fortes e mais nada.

— Elas sabem apenas o que aprenderam — rebate Siena. — Disseram a elas que são grandes e robustas, então lutam. Mas têm braços como os nossos e a mesma capacidade de compreensão, atenção e cuidado. Podemos ensiná-las.

— Nem todas sabem aprender — insistimos. — Nem todas querem.

Siena caminha sob as luminárias fúngicas, centelhas azuladas bruxuleando sobre sua cabeça. A pele dela é dura e ressecada como couro, fruto da idade, e suas mãos habilidosas abrigam dedos vincados e quebradiços. As ferramentas deixaram marcas em seu corpo, criando sulcos como os de um tronco cinzelado, e seus membros têm cicatrizes de queimaduras do ácido das mordidas e do veneno de algumas das espécies que cultiva.

— Todas *podem* aprender. Todas têm o direito de tentar.

— As babás são muito velhas e não aprendem mais nada. A vigília nunca desce para as câmaras inferiores, fica lá em cima de patrulha, vendo

um mundo que não é o nosso. As criadas foram feitas para limpar o aterro e servir a rainha. — O coro de vozes parece retumbar pelos caminhos espiralados do formigueiro. Vinca e Hosta erguem a cabeça, ouvindo mesmo sem estarem lá. — Se deixarmos de sermos quem somos, estamos condenadas. Se mudarmos, morreremos.

— Então podemos começar a queimar o jardim, soterrar os túneis e fechar as entradas — diz Siena. — Se ficarmos como estamos, já estamos mortas.

A mudança nos assusta. Sempre assustou. O medo corre livre por nosso labirinto, e, com ele, vem a expectativa de que algo aconteça. Contávamos que nossa rede mental fosse suficiente para descobrir o que fazer em qualquer situação; que a fábrica que compôs todas as colônias antes da nossa, a linhagem de rainha após rainha até chegar à nossa monarca morta, nos dissesse, exatamente, qual a solução para essa equação. Mas não diz. Estamos aqui, tontas, divididas entre três influências e nenhuma. Aos poucos, conseguimos sentir nossas companheiras se afastando da mente-mãe, pensando fora da teia invisível que nos conecta.

As desertoras andam pelos corredores, pintadas ou vestidas, sempre de vermelho. O vermelho real virou comunal: é a cor que as obreiras usam ao escavar uma nova sala, é o tom que enfeita as escadas que levam à saída do formigueiro, é o fio que costura os toldos de folha ao redor da torre de vigilância. Cobrimos as crianças com mantas escarlate e marcamos com urucum os cogumelos que precisam de traslado.

Sem a segurança do superorganismo, Vinca sente-se perdida. Nunca quis o papel de líder. Quis, sim, a posição de crítica; nunca gostou da Grande Mãe nem da forma com que sacrificava as operárias em nome da colônia. Não suportava vê-la cercada de servas que a abanavam com folhas, o sumo dos frutos que as coletoras traziam escorrendo por sua mandíbula hipertrofiada. Ansiava pelo dia em que todas pudessem partilhar o manjar precíval que transportavam da superfície, ou que pudessem dormir em câmaras espaçosas e confortáveis como a da rainha.

Nada disso significa um desejo de substituí-la.

Vinca sai das sombras de um dos corredores após passar o dia inteiro tentando encontrar Hosta sozinha.

— Apesar de tudo, nós concordamos — começa Vinca. — Não quero que escolham outra rainha. Não quero, na verdade, ninguém que nos olhe de cima.

Hosta a encara. Como uma das trabalhadoras braçais, pequenas, ágeis e precisas, Vinca é quase indefesa frente a uma das batedoras do pelotão.

As antenas pardas estão amarradas com uma tira vermelha, enroscada para formar uma quase trança que descansa sobre o ombro. A cintura estreita desaparece debaixo do xale. Os seis membros se posicionam, alarmados.

— Pode até ser — responde Hosta. — E se concordarmos?

Vinca a olha de volta. Hosta, com as antenas curtas, os cinco olhos pequenos, o rosto duro e apertado. Hosta, com uma longa cicatriz na frente, conquistada após uma batalha bem-sucedida contra as invasoras de outra colônia. Hosta, com faixas rubras amarradas nos punhos, apertadas no peito. Hosta pode atacá-la, mas não vai. Pode devorá-la, mas não vai. O superorganismo deixou em todas o velho instinto de sobrevivência.

— Também ouvi dizer que está de acordo em liberar a câmara ventral — continua Vinca. — Já pensou no que fazer com o corpo?

— Por mim, cortar em pedaços e alimentar o berçário com o que sobrou. — O tom de Hosta é feroz. Vinca tenta se afastar quando a outra a agarra pelo pulso, torcendo uma das articulações do braço fino como um graveto. — Nem todas parecem concordar.

Vinca trava a mandíbula, pensativa.

— A divisão é mais preocupante que a utilização da câmara. Se continuarmos assim...

— Se continuarmos assim, pereceremos — finaliza Hosta, soltando-a. — É isso?

— As outras ainda estão presas ao afeto que sentiam pela Grande Mãe. Ou, talvez, pelo afeto que sentem por nossa própria história... — Vinca se esquece da inimizade passageira, sentindo a necessidade urgente de se jogar nos braços de Hosta. Enfim, dá-se conta de que foi abandonada pela intrincada malha mental que nos une. Não tem mais o alento de nossa conexão biológica nem a tranquilidade da isenção. Precisa fazer as próprias escolhas e chegar às próprias conclusões. Nem mesmo os escritos ancestrais que todas carregamos em nossa genética parecem acessíveis a ela, e tudo que lhe resta é uma igual: Hosta. Vinca prossegue: — Talvez seja esse o problema. As outras também importam. Precisamos ouvir o que querem e, talvez, ceder no que precisar ser cedido. Se o preço de não termos mais uma rainha é manter a memória-corpo, então que seja. Podemos acatar como um pequeno sacrifício.

As duas trocam olhares. Hosta também sabe que foi expulsa da consciência do enxame e, por mais que custe a admitir, sente no tórax a falta da estrutura. Agarra Vinca pelo rosto, encostando testa e antenas. A

igualdade é reconfortante. Sim, ainda é possível ter o que tinham antes da perda.

— Talvez, então, seja hora de perguntar — admite Hosta. — Mas por onde começamos?

Nós conseguimos sentir quando as irmãs extraviadas estão voltando. Ouvimos seus passos, subindo pelos túneis estreitos, passando pelas salas ocas. E, enquanto elas se dirigem ao jardim dos fungos para falar com Siena, todas nós murmuramos uma canção distante, marchando rumo à câmara ventral.

Siena, por outro lado, ensina para uma das vigilantes como fazer a levedura crescer e virar pão, enquanto suas ajudantes mostram a um par de babás onde os cogumelos luminosos devem ser colocados.

— Preferimos organizar as luzes no chão do berçário para não acordar as crianças; no quartel-general, colocamos tudo no teto a fim de maximizar a iluminação.

Hosta e Vinca chamam a anciã em voz baixa, como se soubessem, instintivamente, sobre nossa crescente congregação na sala central do formigueiro. Talvez ouçam a vibração de nossos passos, ou talvez sejam os resquícios da mentalidade coletiva que diz voltem, voltem, voltem. Pelos canais escavados, nossa canção retumba, reverberando o coro de milhares de vozes assim como o coração bombeia a hemolinfa.

— O melhor que podemos fazer é decidir juntas — concorda Siena, duas das mãos direitas tomando o braço de Hosta e duas das mãos esquerdas tomando o braço de Vinca. A idade a tornou mais calorosa que as outras. — Nascemos todas aqui, e as que não nasceram foram criadas nesta colônia. Se a Grande Mãe deixou alguma herança, que seja este lugar.

Unidas, as três fazem a mesma peregrinação até os aposentos reais. Saem do jardim de fungos, atravessam as salas de construção, o berçário, os túneis que serpenteiam para fora do quartel, as escadarias dos torreões. Finalmente nos encontram, e abrimos passagem para elas, nossos muitos corpos se movendo como um só.

A rainha continua no mesmo lugar, mas os espasmos já pararam. Alguém acomodou seus membros harmoniosos nas almofadas, de forma a parecer que ela está presa em um sono profundo. Há tantas de nós que nos apinhamos por todos os cantos, subindo as paredes, apertadas, sentadas nas pernas e no torso da mãe perpétua.

Os caracóis de suas antenas régias estão enfeitados com folhas, e seu pescoço cortado traz uma guirlanda de fungos cintilantes.

Elas não precisam nos chamar nem pedir atenção. As mandíbulas pesadas dos pelotões clicam, trincando os dentes, fazendo o som ressoar em nossa caverna. As luzes tremulam. As babás trouxeram as crianças, as coletoras deixaram um rastro de plantas e fiapos de carne pelo chão. As obreiras estão manchadas de terra. Algumas estão pintadas de vermelho, outras não. Mas todas, até mesmo as repelidas, conectam-se à teia ocre de nossa mente única.

A rainha está morta, fato que só agora compreendemos.

Sem rainha, não há prole, mas algumas de nós se lembram de outras vidas que ocorreram antes destas, onde operárias foram capazes de repor as crianças do berçário. Não sabemos como, não ainda. Não é um problema. Juntas, podemos construir paciência.

Além disso, temos filhas vivas. Filhas que se contorcem, exigindo atenção, nossas pequenas bocas famintas. Temos irmãs que aprendem, que não são apenas os limites impostos a elas. O jardim se espalha pelos corredores, invadindo outras câmaras, benigno. As coletoras sabem o que trazer para aumentá-lo; sabem até mesmo como modificar as espécies que já temos e incluir outras no cultivo. As ajudantes querem acompanhá-las até o lado de cima. Nunca vimos, elas dizem, dizemos.

Mas não tirem a Grande Mãe daqui, pedimos. Foi daquele ventre vazio que saímos. Não queremos uma substituta, não queremos uma líder nem duas. Queremos o que sempre quisemos — o que temos quando estamos juntas. Cada um dos braços gigantes é uma memória que mantemos. Talvez seja o arquivo que Vinca tanto queria. As antenas espiraladas nos lembram do que já fomos. Lembram às criadas que a limpavam, mimavam e alimentavam e dizem: nunca mais. Lembram às coletoras que suavam os perigos da superfície para trazer oferendas até a rainha: o trabalho não deve ser um sacrifício.

Lembram às babás, relegadas ao escuro constante do infantário: a idade não é o fim da vida. Lembram aos esquadrões que invadem colônias inimigas e defendem as barreiras do formigueiro: morrer e matar não é mais preciso. Lembram às jardineiras e arquivistas de que o conhecimento deve ser repartido. Lembram às obreiras de que merecem o conforto das câmaras que elas mesmas cavaram.

Clicamos as mandíbulas.

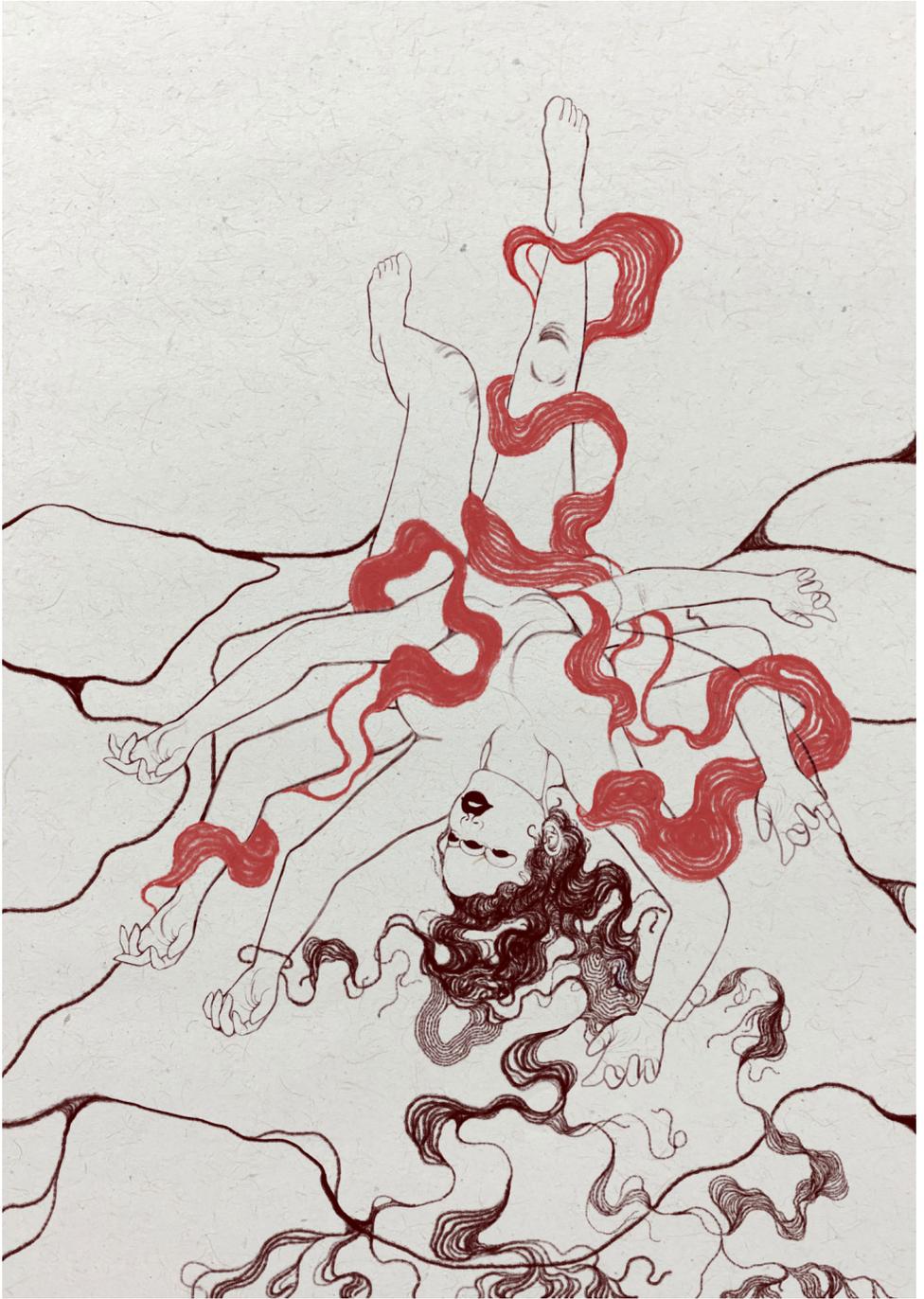
O formigueiro é nosso, sempre foi. O formigueiro é de nossas filhas. Ele se estende por toda a terra em que pisamos, pelo barro que moldamos, as sementes que colhemos. Ele corre pelas veias frutificadas do jardim, condensa-se nas trufas marmóreas que nos alimentam. Ele é parte de nossos corpos articulados, de nossas existências entrelaçadas.

O coro de vozes se cala. A colmeia nos lembra que não somos apenas enxame; somos nossos próprios organismos. Uma a uma, nos olhamos, compreendendo. O comprometimento é uma carga árdua; nunca antes fomos obrigadas a suportar seu peso.

Ser uma pessoa só é intolerável. Sempre pensar por todas é restritivo. A rainha, estirada em seus travesseiros, continua sem vida.

Vinca se aproxima das vasilhas de mel, antes restritas à realeza, e Siena reparte porções generosas do néctar açucarado em tigelas de folha trançada. Hosta pega a própria cumbuca e encara o rosto exausto na superfície âmbar e viscosa. Os olhos compostos, as antenas marcadas. Quando vê que pouco sobrou para Vinca, faz uma concha com os dedos e leva o mel à boca da outra.

— Mudamos — todas cantamos, sentadas em círculo. Temos muito a discutir, muito a aprender, muito a opinar. — Mudamos, continuaremos mudando, sempre mudaremos.





AMY JOHNSON

Dra. Amy Johnson é escritora, acadêmica e facilitadora da especulação. Tem uma história publicada na *Diabolical Plots* e uma prestes a sair na *Lightspeed*. É a editora da antologia *Drones & Dreams* e ministra oficinas usando técnicas da ficção especulativa para explorar as consequências das tecnologias na sociedade. Como acadêmica, pesquisa sobre usos inesperados das tecnologias digitais, dando atenção especial ao governo, à paródia e à política linguística. Atualmente, é bolsista no Laboratório de Linguagem e Tecnologia do MIT; e associada e antiga bolsista do Centro de Estudos da Internet e da Sociedade Berkman Klein, em Harvard.

Site: amyjohnson.com
Twitter: [@shrapnelofme](https://twitter.com/shrapnelofme)

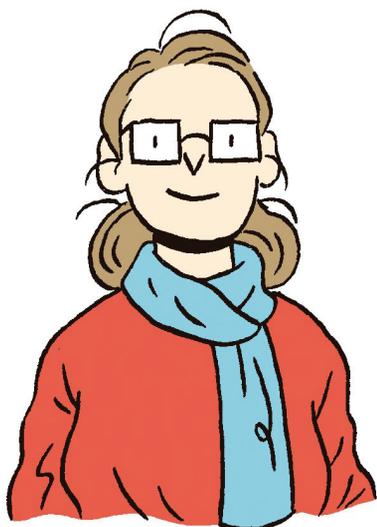


ANDRÉ CANIATO

André Caniato nasceu em Pontes Gestal, cidadezinha no interior de São Paulo, e, para todos os efeitos, é o embaixador de Plutão na Terra. Entre suas publicações, destacam-se os contos “Um dia não anoiteceu mais” (Plutão Livros, 2018), “A folia dos mortos” (Trasgo, ed. 17, 2018) e “Isto não é um livro de matemática” (2017). É tradutor formado, escritor por vocação e, como todo artista, pessoa de mil projetos. Em breve.

Site: andrecaniato.carrd.co

Twitter: [@a_caniato](https://twitter.com/a_caniato)



ANNA MARTINO

Anna Martino é uma escritora e editora brasileira de fantasia e ficção científica. Em inglês, suas histórias foram publicadas em lugares como *Clarkesworld*, *Strange Horizons*, *Luna Station Quarterly* e *BBC World Radio*, entre outras revistas. Ela também é cofundadora e atual editora na Dame Blanche, pequena casa editorial especializada em fantasia e ficção científica do Brasil.

Site: annamartino.com
Twitter: [@annadixit](https://twitter.com/annadixit)



DANTE LUIZ

Dante Luiz é ilustrador, editor e escritor ocasional nascido no sul do Brasil. Fez as artes internas de *Crema* (comiXology/Dark Horse), e suas obras foram publicadas em revistas e antologias como *Constelación*, *Nightmare* e *Future SF*, entre muitas outras.

Site: danteluiz.com

Twitter: [@dntlz](https://twitter.com/dntlz)

Instagram: [@dntlz](https://www.instagram.com/dntlz)



DIOGO RAMOS

Nascido e criado no Rio de Janeiro, Diogo Ramos é professor de inglês como língua estrangeira e editor-chefe da revista *A Taverna*, revista on-line de fantasia e ficção científica. Leciona há quase quinze anos e, de vez em quando, arrisca traduzir histórias do inglês para o português. Seus contos apareceram em inúmeras revistas, em universos paralelos.

Site: diogolsramos.com
Twitter: [@atavernarevista](https://twitter.com/atavernarevista)
Instagram: [@diogolsramos](https://www.instagram.com/diogolsramos)



FÁBIA MARTINS

Fábيا Martins é historiadora e professora da Rede Estadual de Ensino. Adora ler, ver filmes e séries, fotografar o que vê de sua janela e rir com os sobrinhos. É acumuladora de livros e coisas que contenham girassóis. Gosta de sentir cheiro de café e de livros. Vive em Belém do Pará, cercada da família e de amigos.

Instagram: [@fabiamartins_](https://www.instagram.com/fabiamartins_)



FERNANDA CASTRO

Fernanda Castro é autora dos livros *Lágrimas de carne* (Dame Blanche, 2020) e *O fantasma de Cora* (Gutenberg, 2022), além de tradutora, preparadora e revisora de textos. Faz parte da equipe da revista *Mafagafô* e tem diversas narrativas curtas publicadas, incluindo um miniconto em formato de quadrinho na *Strange Horizons*. Mora em Recife com o marido, uma calopsita e montes de plantas.

Site: fernandacastro.me
Twitter: [@fernandaversa](https://twitter.com/fernandaversa)



GUILHERME ALAOR

Morador da pequena terra de São Sebastião em Brasília, amante de boas histórias e apaixonado pelas diversas formas de contá-las, Guilherme Alaor vem tecendo histórias desde seus dez anos de idade; a partir disso, a ficção tornou-se sua morada. Passa os dias imaginando seu amor, suas histórias e ideias aleatórias. Tem alguns trabalhos publicados, como “Alameda dos ratos”, na segunda edição da revista *A Taverna*, e histórias na décima sétima edição da revista *LiteraLivre*, na segunda temporada da *Faísca* e nos projetos *Contos de tarot* e *Sintonia mortal*.

Twitter: [@AlaorGuilherme](https://twitter.com/AlaorGuilherme)



H. PUEYO

H. Pueyo é um ser que não mora, se esconde, e passa seus dias escrevendo e traduzindo. Tem em suas origens três países da Bacia Platina, e pode ser vista algumas vezes, em forma de texto, na Dame Blanche (*Bem mal me quer*) e Plutão Livros (*Existe amor em São Paulo*), assim como em várias revistas. Sua coletânea bilíngue pode ser encontrada na Lethe Press ou no site hachepueyo.com.

Site: hachepueyo.com
Twitter: [@hachepueyo](https://twitter.com/hachepueyo)
Instagram: [@hachepueyo](https://www.instagram.com/hachepueyo)



IAN M. M. DUARTE

Amante das palavras e da arte de contar histórias, Ian M. M. Duarte é revisor, editor e consultor jurídico. As obras de maior relevância em que trabalhou foram os volumes da revista *A Taverna* e a trilogia *Absolutos*, de Rodolfo Salles. Além disso, é escritor de fantasia, autor de “tijolos” que, somados, contam com cerca de um milhão de palavras, não publicados por ainda necessitarem de bastante lapidação. Ian nutre preferência por personagens *chaotic neutral*, porém se esforça para ser aquele *lawful good* bacana, adepto à diplomacia, amante da paz, que não pode faltar em nenhuma *party* que se preze.

Instagram: [@ian.m.m.duarte](https://www.instagram.com/ian.m.m.duarte)
Facebook: [facebook.com/ian.m.m.duarte](https://www.facebook.com/ian.m.m.duarte)



ISA PROSPERO

Isa Prospero nasceu em Piracicaba e mora em São Paulo, onde traduz, revisa e acumula livros. Suas histórias foram publicadas em português nas revistas *Superinteressante*, *Trasgo*, *Mafagafo* e *Pretérta* e nas antologias *Mitografias*, *Duendes* (Draco), *As crônicas da Unifenda* (Plutão) e *A Sociedade das Mulheres Elementares* (Corvus). Em inglês, saiu em revistas como *Strange Horizons* e antologias internacionais.

Site: isaprospero.com
Twitter: [@isaprospero](https://twitter.com/isaprospero)



JANA BIANCHI

Jana Bianchi é escritora, tradutora e editora na revista *Mafagafo*. Em português, além de *Lobo de rua* (Dame Blanche, 2016), publicou diversos contos em revistas e coletâneas. Em inglês, tem textos publicados nas revistas *Strange Horizons*, *Clarkesworld* e *Fireside*, entre outras. É aluna da turma de 2021 do workshop de escrita Clarion West. Jana mora no interior de São Paulo com os pais, duas cachorras e suas várias tatuagens animadas.

Site: janabianchi.com.br
Twitter: [@janapbianchi](https://twitter.com/janapbianchi)



JANIO GARCIA

Ilustrador, artista conceitual, instrutor, *streamer* e personagem do folclore urbano.

Portfólio: janiogarcia.myportfolio.com
Instagram: [@garcia_janio](https://www.instagram.com/garcia_janio)



JOÃO MENDES

João Mendes é um autor brasileiro nascido e criado na Bahia, formado em cinema e admirador de sutilezas fantásticas. Autor da novela *Serra Minguante* e de ficções relâmpago como “A pipa e o dragão”, “O caldo” e a “Infinita diária de Zélia Cordeiro”. Também organizador da antologia *Farras fantásticas* e outros projetos, segue criando novas realidades a partir dos verbos.

Twitter: [@DocxMendes](https://twitter.com/DocxMendes)

Instagram: [@docxmendes](https://www.instagram.com/docxmendes)

Serra Minguante: mafagaforevista.com.br/edicao-5-marco



JOÃO PEDRO “JP” LIMA

Escritor, editor e estrategista de conteúdo. Gosta de ficção científica, comédia, fantasia, erotismo e coisas que misturem tudo isso. Sonha em ganhar milhões e financiar todos os projetos criativos dos amigos e pessoas que merecem. Gosta de abraços, pole dance, chocolate com amendoim e de projetos malucos.

Twitter: [@jplimag](https://twitter.com/jplimag)
Newsletter: getrevue.co/profile/jplimag



KATE WELLENSTEIN

Kate Wellestein mora no norte dos Estados Unidos com a esposa e vários projetos de escrita não terminados.



LARISSA USUKI

Larissa Usuki é designer gráfica e ilustradora, paulista e tem ascendência japonesa. Gosta de danças, espadas, ler e assistir a filmes, principalmente os de animação. Já trabalhou com diagramação para livros didáticos e capas para livros independentes como *Entre estantes*, *A rosa de Isabela* e *A rota que me levou a você*. Seu primeiro conto foi publicado na antologia *As artes mágicas do Ignoto*.

Instagram: [@larissausuki](https://www.instagram.com/larissausuki)

As artes mágicas do Ignoto: editoracorvus.com.br/as-artes-magicas-do-ignoto



LETÍCIA WERNER

Designer, escritora e editora da revista *A Taverna*. Tenta seus caminhos pela ficção científica, participando de antologias *cyberpunk*, e na *dark fantasy*, tendo publicado por último na coletânea *Contos de tarot*. Também é dona do blog Momento de Ficção. Anda experimentando trabalhar com narrativas mais longas e acredita que todos têm alguma história a contar.

Site: momentodeficcacao.wordpress.com

Instagram: [@momentodeficcacao_blog](https://www.instagram.com/momentodeficcacao_blog)



NINA SATIE

Nina Satie é artista visual e sonora. Principalmente por meio da pintura, formula narrativas que desencadeiam reflexões sobre autoimagem, explorando as abstrações do corpo através das dimensões orgânica, fisiológica, psicológica e emocional.

Instagram: [@ninasatie](https://www.instagram.com/ninasatie)
Blog: ninasatie.com



NINO

nino é artista multimídia, amante de gatos e coelhos, bartender amador e príncipe de anime em tempo integral. Atualmente reflete sobre estar mais próximo dos trinta do que dos vinte e ainda dormir abraçado com bichos de pelúcia, e isso ser mais comum do que imaginava quando era adolescente.

Twitter: [@chocokkyo](#)
Instagram: [@chocokkyo](#)



OTNIEL PEREIRA

Editor e faz tudo, inclusive causar uns curtos-circuitos ocasionais. Amante de RPG de mesa, música e entusiasta dos sabores menosprezados de uma boa cachaça. O tipo de rapaz que você pode chamar para tomar uma cerveja enquanto discute sobre *worldbuilding*, política ou resenhas de livros e HQs (podendo-se incluir cinema e seriados). Fascinado por história, ciência e pontos de vistas inspiradores. Além de tudo, uma pessoa que rejeita redes sociais e ama praia.



R.R. PORTELA

R.R. Portela, pai em tempo integral e filho do Rio de Janeiro, escreve fantasia que gostaria de ler, sempre partindo do seu ponto de vista periférico. Já foi redator, revisor, bibliotecário e porteiro. Publicou nas primeiras edições das revistas *Escambanáutica* e *Ignoto*, tem textos publicados na *Faísca*, newsletter da revista *Mafagafo*, e contos de fantasia e ficção científica em diversas antologias brasileiras. Acredita que em breve vai colocar seus romances no mercado literário, mesmo que para isso precise terminar de escrevê-los.

Twitter: [@portelaroger](https://twitter.com/portelaroger)

Instagram: [@r_r_portela](https://www.instagram.com/r_r_portela)

Blog: cozinhandomundos.blogspot.com



RENAN BERNARDO

Renan Bernardo é escritor de ficção científica e fantasia. Escreve em português e inglês nas terras escaldantes do Rio de Janeiro. Suas histórias já foram publicadas em diversos idiomas. Foi finalista do Odisseia 2020 e do Argos 2020. Sua história *O rio que passou pela minha vida*, ficção científica que se passa em um Rio de Janeiro afetado pela mudança climática, foi publicada pela editora Dame Blanche. Tem contos em inglês nas revistas *Apex Magazine*, *Podcastle*, *Solarpunk Magazine* e outras.

Site: renanbernardo.com

Twitter: [@RenanBernardo](https://twitter.com/RenanBernardo)

Newsletter: getrevue.co/profile/renanbernardo



WINNY TAPAJÓS

Winny Tapajós é indígena da etnia Tapajó, designer de estampa e ilustradora, nasceu em Belém (PA) e vive atualmente em Palmas (TO). Ao longo de sua graduação em arquitetura e urbanismo, concluída em 2020, Winny se envolveu em várias áreas das artes, fotografia, costura, artesanato, teatro e audiovisual; trabalhou como designer gráfica e produtora audiovisual; e experimentou a criação de uma pequena marca de camisetas estampadas. Hoje em dia, trabalha como designer de estampas para uma empresa carioca e faz “freelas” de ilustração e algumas produções livres, sempre em busca de incorporar o regionalismo (tocantinense, nortista e do cerrado) e suas origens às suas artes.

Portfólio: [behance.net/winnytapajos](https://www.behance.net/winnytapajos)

Edição geral e organização: Diogo Ramos e Jana Bianchi
Idealização e coordenação: Amy Johnson
Financiamento: NDI – National Democratic Institute
Com contos de H. Pueyo, Isa Prospero, João Mendes, R. R. Portela e Renan Bernardo

Leitores-peneira: Diogo Ramos, Fábila Martins, Guilherme Alaor, Jana Bianchi, João Pedro “JP” Lima e Letícia Werner
Edição: Dante Luiz, Fernanda Castro, João Pedro “JP” Lima, Letícia Werner e Otniel Pereira
Preparação de texto: Diogo Ramos, Fernanda Castro e Jana Bianchi
Revisão: Ian M. M. Duarte

Direção de arte: Dante Luiz
Ilustrações: Dante Luiz, Larissa Usuki, Nina Satie, nino e Winny Tapajós
Capa: Janio Garcia
Produção do e-book: André Caniato

Tradução inglês-português: Anna Martino, H. Pueyo, Isa Prospero e Renan Bernardo
Revisão em inglês: Kate Wellenstein

Consultoria jurídica: Ian M. M. Duarte

